

## **ZOONOSE AVANÇA NO ESTADO DE SÃO PAULO**

**DISPERSÃO DOS CASOS DE LEISHMANIOSE  
AO LONGO DA RODOVIA MARECHAL RONDON**

**ESTRESSE TÉRMICO**

**ÉTICA: TRANSPERÊNCIA NA RELAÇÃO EVITA TRANSTORNOS**

**ACREDITAÇÃO DOS CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA – CFMV**

**COMPORTAMENTO: BENEFÍCIO DA INTERAÇÃO HOMEM × ANIMAL**

# SUMÁRIO

Editorial • Processo ético profissional.....	3
Cartas .....	4
In Memoriam • Luiz Braz Siqueira do Amaral.....	5
Clipping.....	6
Ensino • Acreditação dos cursos de Medicina Veterinária – CFMV dá início a fase experimental do projeto .....	8
Ética • Transparência na relação evita transtornos .....	9
Gestão .....	10
Edital intima interessados em prestar informações em recurso sobre periculosidade por uso de raio-X móvel .....	10
Trabalhar demais é prejudicial .....	10
Quanto custa elogiar alguém? O elogio faz bem para o bom clima na empresa.....	11
Comportamento • Benefícios da interação homem e animal são cada vez mais foco de estudos em renomadas instituições .....	12
Saúde Animal • Estresse térmico .....	14
Clínica • Diagnóstico por Imagem na Fundação Parque Zoológico de São Paulo.....	17
Epidemiologia • Zoonose avança no Estado de São Paulo .....	19
De olho na Gramática • Cultivando a Língua Portuguesa.....	23

<b>Editoria</b>	Apamvet
<b>Comitê Editorial</b>	Eduardo Harry Birgel Alexandre J. L. Develey José Cezar Panetta Arani Nanci Bornfim Mariana Waldir Gandolfi
<b>Redatores</b>	Acadêmicos da APAMVET
<b>Jornalista responsável</b>	Regina Lúcia Pimenta de Castro (M. S. 5070)
<b>Diagramação</b>	Tikinet I Karina Vizeu Winkaler Rua Santanésia, 528 – 1º andar – cj. 11 05580-055 – São Paulo/SP
<b>Foto da capa</b>	Paula, E., 2016
<b>Impressão</b>	Edigráfica Gráfica e Editora Ltda. Rua Nova Jerusalem, 345 – Bonsucesso 21042-230 – Rio de Janeiro/RJ
<b>Tiragem</b>	32.000 exemplares
<b>Apoio</b>	Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo – CRMV-SP
<b>Redação</b>	Academia Paulista de Medicina Veterinária, junto à SPMV Av. da Liberdade, 834 – 3º andar – Liberdade 01502-001 – São Paulo/SP Fone 11 3209 9747   Fax 3207 4505 apamvet@gmail.com   www.apamvet.com
<b>Distribuição gratuita</b>	APAMVET Boletim é uma publicação oficial da Academia Paulista de Medicina Veterinária, dirigida aos médicos veterinários do Estado São Paulo, cujo objetivo é informar sobre todas as áreas de especialização. Os trabalhos, comunicados, cartas, comentários, relatos de casos e demais matérias para publicação deverão ser enviados para o e-mail spmv@spmv.org.br, aos cuidados da APAMVET.

## Patronos e acadêmicos da Apamvet

1ª Cadeira	Patrono René Straunard Acadêmico Alexandre Jacques Louis Develey	11ª Cadeira	Patrono João Barisson Villares Acadêmico Flávio Prada	21ª Cadeira	Patrono Uriel Franco Rocha Acadêmica Irvênia Luiza de Santis Prada
2ª Cadeira	Patrono Adolpho Martins Penha Acadêmico Vicente do Amaral	12ª Cadeira	Patrono René Corrêa Vaga 1º Acadêmico - † Hélio Emerson Belluomini	22ª Cadeira	Patrono Geraldo José Rodrigues Alckmin Acadêmico Hélio Ladislau Stempniewski
3ª Cadeira	Patrono Leovigildo Pacheco Jordão Acadêmica Arani Nanci Bornfim Mariana	13ª Cadeira	Patrono Eudides Onofre Martins Acadêmico Manuel Alberto da Silva Castro Portugal	23ª Cadeira	Patrono Romeu Diniz Lamounier Acadêmico Waldir Gandolfi
4ª Cadeira	Patrono Paschoal Mucciolo Acadêmico José Cezar Panetta	14ª Cadeira	Patrono Ângelo Vincenzo Stopiglia Acadêmico Benedito Wladimir de Martin	24ª Cadeira	Patrono João Soares Veiga Acadêmico Kenji Iryo
5ª Cadeira	Patrono Ernesto Antônio Matera Acadêmico Eduardo Harry Birgel	15ª Cadeira	Patrono Adair Mafuz Saliba Acadêmico Paulo Magalhães Bressan	25ª Cadeira	Patrono Quineu Corrêa Acadêmico Zohair Saleim Sayegh 1º Acadêmico - † Laerte Sílvio Traldi
6ª Cadeira	Patrono Mário D'Ápice Acadêmico Aramis Augusto Pinto 1º Acadêmico - † Waldyr Giorgi	16ª Cadeira	Patrono Emilio Varoli Acadêmica Hannelore Fuchs	26ª Cadeira	Patrono Décio de Mello Malheiro Acadêmica Mitika Kuribayashi Hagiwara
7ª Cadeira	Patrono José de Fatis Tabarelli Netto Acadêmico Armen Thomassian 1º Acadêmico - † Raphael Valentino Riccetti	17ª Cadeira	Patrono Sebastião Nicolau Piratininga Acadêmico José Luiz D'Angelino	27ª Cadeira	Patrono Paulo de Castro Bueno Vaga 1º Acadêmico - † Luiz Klinger dos Santos
8ª Cadeira	Patrono Armando Chieffi Vaga 1º Acadêmico - † Renato Campanarut Barnabé	18ª Cadeira	Patrono Moacyr Rossi Nilsson Acadêmico Mário Nakano	28ª Cadeira	Patrono Carlos de Almeida Santa Rosa Vaga 1º Acadêmico - † Rufino Antunes Alencar Filho
9ª Cadeira	Patrono Orlando Marques de Paiva Acadêmico Carlos Eduardo Larsson	19ª Cadeira	Patrono Dinoberto Chacon de Freitas Acadêmico Angelo João Stopiglia 1º Acadêmico - † Feres Saliba	29ª Cadeira	Patrono Plínio Pinto e Silva Acadêmico Vicente Borelli
10ª Cadeira	Patrono Oswaldo Domingues Soldado Acadêmico Olympio Geraldo Gomes	20ª Cadeira	Patrono Sebastião Timo Iaria Acadêmico Luiz Braz Siqueira do Amaral	30ª Cadeira	Patrono Raphael Valentino Riccetti Acadêmico José de Angelis Côrtes

## Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Boletim APAMVET / Academia Paulista de Medicina Veterinária. -- n.1, (2010) --. -- São Paulo: APAMVET, 2010-  
v. il.; 21 cm.

Quadrimestral  
ISSN 2179-7110

Endereço online: www.apamvet.com

1. Medicina Veterinária – história. 2. Clínica veterinária. 3. Produção animal. 4. Meio Ambiente

CDD 636098

"Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.944, de 14 de dezembro de 2004" Ficha catalográfica elaborada de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR 2), pela Biblioteca Virginie Buff D'Ápice Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo

## Processo ético profissional

**C**omo conselheira do CRMV-SP tenho tido a oportunidade de debruçar sobre as denúncias recebidas de proprietários de animais, órgãos públicos, veterinários e outros profissionais em relação à conduta profissional do médico veterinário no exercício de sua função. A grande maioria das denúncias recebidas refere-se ao atendimento a cães e gatos, principalmente diante do óbito do animal.

De um modo geral, o principal motivo que leva o proprietário a apresentar denúncia ao Conselho está na perda do animal após procedimentos médicos ou cirúrgicos. Entretanto existem outras denúncias, de outras fontes como, por exemplo, preenchimento de documentos, atestados de saúde e de vacinação com datas posteriores ao ato, ausência de documentação pertinente ao atendimento, ou recusa em fornecer laudos, relatórios médicos ou cópias do prontuário, quando solicitados. Nessas condições, não se trata de imperícia ou imprudência e resvala na omissão ou na negligência na lide profissional nos tempos modernos, no qual os pets se tornaram “membros da família” e adquiriram um *status* jamais imaginado há pouco tempo.

Em 2013, movida pelo interesse em esclarecer se as denúncias e os processos éticos instaurados estariam relacionados a uma falha no ensino de graduação, analisei as denúncias éticas protocoladas no CRMV-SP em 2012. Se a premissa estivesse correta, os profissionais mais jovens ou recém-formados estariam representados em maior número. Entretanto, não foi o que ocorreu. Analisando-se as noventa e cinco denúncias que se tornaram processos éticos, a faixa etária média dos médicos-veterinários envolvidos na denúncia ética era de 41,5 anos, consideradas por idade mínima a de 27 anos e a máxima por 61 anos. Isto quer dizer, em média, 15 anos de exercício profissional. Nessa altura da vida profissional, os erros ou deslizes praticados não podem mais ser imputados à uma possível falha no ensino de graduação. O que esses números querem dizer? A questão merece uma análise mais profunda do ponto de vista profissional e de relações humanas. E não se trata de diferenças na atuação profissional entre o sexo masculino e o sexo feminino. Ambos os sexos

estavam representados equitativamente. As instituições de origem compreenderam as públicas e privadas no total de 33 cursos, dos quais oito eram de outros estados. Cerca de dois terços das denúncias estavam relacionados à imperícia, à imprudência ou à negligência, e a maioria motivada pelo óbito do animal.

Acidentes em petshops estavam na origem da denúncia em cerca de 10% dos casos. Muitos foram denunciados por serem os responsáveis técnicos do petshop. Essa é uma outra questão que merece análise e reflexão, e uma ampla discussão sobre o papel do responsável técnico, principalmente no momento atual em que a questão da responsabilidade técnica em petshops está em discussão. O proprietário do petshop responde do ponto de vista cível, mas em se tratando de danos ao animal, o "RT" responde do ponto de vista ético! E na maioria das vezes, quando o petshop não é do próprio médico veterinário e quando o contrato do "RT" prevê apenas poucas horas semanais, mesmo que o profissional veterinário não se encontre no local, este poderá ser objeto de denúncia junto ao CRMV-SP.

Permitir o atendimento aos pets por parte de estudantes de graduação, ou ser conivente com o exercício da medicina veterinária por parte de leigos, ou na realização de procedimentos cirúrgicos em locais inadequados, ou ao receitar medicamentos por telefone, ou ao negar atendimento emergencial, ou pelo uso de vacinas com prazo de validade ultrapassado, atestados de vacina ou de saúde assinados em branco, ou por calúnia e difamação de colegas, ou apoderar-se do cadastro de outro profissional, são todas irregularidades passíveis de processos éticos conforme é previsto no Código de Ética do Médico Veterinário.

Muitos desses processos, instaurados em 2012, já foram julgados, com o arquivamento da denúncia ou a aplicação de penalidades, mas muitos ainda estão em andamento. O próximo passo será o de rever os acórdãos desses processos para completar a análise iniciada. O objetivo final é o de alertar os profissionais médicos veterinários para se esquivarem ao máximo possível do doloroso processo ético profissional, tendo conhecimento e respeitando o código de ética profissional. ■

Prof. Dra. Mitika Hagiwara – CRMV-SP 521  
**Conselheira do Conselho Regional de  
 Medicina Veterinária do Estado de São Paulo**

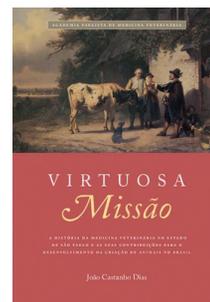
## Livro *Virtuosa Missão*

Uma reimpressão do livro *Virtuosa Missão* será disponibilizada em breve.

A APAMVET continua recebendo manifestações e elogios a respeito do lançamento do livro *Virtuosa Missão*:

### Livro *Virtuosa Missão*, que conta a história da medicina veterinária em SP, destaca a medicina veterinária da FAJ.

Fonte: <http://www.faj.br/livro-virtuosa-missao-que-Conta-a-historia-da-medicina-veterinaria-em-sp-destaca-a-medicina-veterinaria-da-faj/>



Lançado no mês de setembro pela Academia Paulista de Medicina Veterinária (APAMVET), o livro **“Virtuosa Missão, A História da Medicina Veterinária no Estado de São Paulo e as Suas Contribuições para o Desenvolvimento da Criação de Animais no Brasil”**, escrito pelo jornalista João Castanho Dias, destacou a medicina veterinária da Faculdade de Jaguariúna – FAJ, abordando qualidades do Hospital Escola Veterinário – HEV, como os 5 mil atendimentos por ano, além de discorrer sobre o curso de graduação em medicina veterinária oferecido pela instituição.

Com mais de 250 páginas e 300 imagens, a obra detalha o trabalho de centenas de profissionais e traz centenas de histórias sobre os cuidados de animais no Brasil. É o caso do sucesso do combate à peste bovina em São Paulo (que havia provocado fome na Europa anos antes) ou os cuidados com a grande população de mureas que puxavam os bondes, os carros dos bombeiros e os carroções coletores de lixo na capital paulista do início do século 20. O livro traz ainda uma cronologia dos principais fatos desde o século 19 e biografias dos profissionais pioneiros do estado de São Paulo.

O coordenador do curso de medicina veterinária, Prof. Dr. Rogério Cury, ressaltou a magnitude de tal obra e a satisfação de testemunhar a evolução da medicina veterinária da FAJ sendo escrita nas páginas de um livro. “É com grande entusiasmo que indico a leitura do livro *Virtuosa Missão* a todos os meus alunos e a todos os interessados, pois esta obra é de grande importância aos profissionais da medicina veterinária, além de possuir grandes histórias de interesse público. Fazer parte desse livro é fazer parte da história, por isso deixo aqui os meus parabéns a todos que colaboraram com essa belíssima histórica que a Faculdade de Jaguariúna vem construindo”, frisou.

## Porque a matéria sobre a Associação Xilazina mais Cetamina repercutiu bem

Flavio Massone – CRMV 2015-18 | [btflama@uol.com.br](mailto:btflama@uol.com.br)

O que vem acontecendo em certas clínicas e até hospitais veterinários, que desobedecem a resolução do CFMV 1015, que burlam as normas, não possuem aparelhos, não contratam anestesistas, que operam sozinhos baseando-se simplesmente numa simples associação de dualidade de fármacos (xilazina e cetamina), sem sequer aplicar a atropina ou um opióide, que também não resolve o problema. Tudo isso demonstra, além do desconhecimento farmacológico, o que motivou o título do trabalho, a desobediência à resolução federal.

Diante do exposto, junto com um especialista (Dr. Thomas Trein) e um doutor (Dr. Martiello Ivan Gehrcke), na área de Anestesiologia Veterinária, foi elaborada a matéria em questão (Associação Cetamina E Xilazina O Grande Desconhecimento Farmacológico), que teve grande repercussão não só no estado de São Paulo, como também nos demais estados da federação, e até internacional.

Por isto, necessária se faz a conscientização de proprietários de clínicas e hospitais a obedecerem a resolução do CFMV 1015 para que contratem anestesistas, o que abriria um bom mercado de trabalho, evitando assim, dissabores e até acidentes fatais. A matéria, após a sua publicação, repercutiu de forma positiva no meio profissional e alastrou-se não apenas no estado de São Paulo, que é o reduto do Boletim, como em outros estados onde residem outros bons anestesistas, e estes por sua vez o apresentaram aos clínicos e cirurgiões, o que causou um verdadeiro espanto. Como se não bastasse, colegas do exterior me pediram uma separata, que gentilmente envie.

### “Associação Cetamina e Xilazina: o grande desconhecimento farmacológico”

Recebemos uma mensagem do Dr. Luiz Santos DVM MSc DACVAA Lecturer Anaesthesiology School of Animal & Veterinary Sciences – The University of Adelaide Roseworthy Campus SA 5371 – 1454 Mudla Wirra Rd

Conversei com o Professor Flavio Massone sobre o interesse dele e da revista em ter o artigo intitulado “Associação Cetamina e Xilazina: o grande desconhecimento farmacológico”, traduzido para o idioma inglês. Ele se mostrou interessado em ter a tradução publicada, porém gostaria de saber se isso é viável e de interesse da revista.

A grande razão para a tradução dá-se pelo fato do assunto também ser de interesse internacional, uma vez que muitas clínicas, aqui no exterior, ainda usam essa combinação mas desconhecem os seus reais efeitos farmacológicos. O artigo em português foi recebido com grande repercussão.

Caro Professor Luiz Santos,

Li sua mensagem e fiquei muito contente em ver o interesse que o Boletim da Academia Paulista de Medicina Veterinária, e em especial o artigo do Prof. F. Massone e outros , está despertando.

É claro que a APAMVET, lisonjeada com seu pedido, autoriza a tradução e reprodução na íntegra do artigo “Associação Cetamina e Xilazina: o grande desconhecimento farmacológico”.

Se V. S. reproduzir este artigo numa publicação de seu conhecimento peço, que por favor, oportunamente, me mande uma cópia da publicação.

Agradecendo seu contato, receba minhas saudações acadêmicas.

## Luiz Braz Siqueira do Amaral

por Márcia Maria Rebouças, pesquisadora científica – Instituto Biológico

Luiz Braz Siqueira do Amaral nasceu em Santana do Parnaíba, SP, em 1923, filho de Antonio Correa do Amaral e Antonia Felícia de Castro Amaral. Em 1950, formou-se médico veterinário pela USP. Em 1967, casou-se com Regina Esmeralda de Mello Amaral, também funcionária do Instituto Biológico, tendo um filho. Aposentou-se em 1991.

Em sua entrada no Departamento de Defesa Sanitária da Agricultura, no Instituto Biológico, com sede em Marília, na data de 20/05/1952, exerceu as funções de veterinário patologista. Em junho de 1954 pediu transferência para a Capital. Foi lotado da Seção de Assistência Veterinária, tendo por chefe Dr. Mário Rios. Em 1959, exerceu a chefia da Seção e, durante sua estada no Instituto Biológico, substituiu por diversas vezes a diretoria da Divisão de Patologia Animal geral. Em 1977, passou para a carreira de Pesquisador Científico obtendo o Nível V e logo a seguir, submetido à CPRTI, alcança o Nível VI da carreira.

Trabalhou com neoplasias em bovinos e suínos, com tuberculose bovina, piroplasmose e anaplasmoses bovina, brucelose bovina, carbúnculo sintomático, doenças carenciais intoxicações, mamites, enterites, necrobacilose, onfaloflebite, piobacilose, pododermatites, brucelose bovina em várias cidades do Estado de São Paulo. Além desses trabalhos estudou resultados comparativos entre a soroaaglutinação e o card-teste em bovinos imunizados com vacinas aglutinogênicas e não aglutinogênicas contra a brucelose, brucelose bovina – sobre o melhoramento da vacina B-19 113-116. Somou 70 trabalhos publicados sobre os assuntos acima referidos.

Seus trabalhos tiveram a parceria de Francisco Tupinambá Valente, Albino Nesti, Adolpho Martins Penha, F. M. Rodrigues, L. A. Sandoval, M. H. Feitosa e F. M. Rodrigues.

Entremeados com seus trabalhos de pesquisa científica, participou de vários congressos e reuniões em vários estados brasileiros.

Em 1964 participou do IX Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária, onde apresentou o trabalho “Terapêutica da Tuberculose Bovina”, em Salvador, Bahia. Em seguida, 1965, empreendeu viagem à Paraíba do Sul, RJ, presta serviços ao Sanatório Santa Clara (Fazenda Santo Antonio) e, em 1966, partiu para Goiânia, GO, para participar do X Congresso Científico Brasileiro de Veterinária. Nesse mesmo ano, participou da XVIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência realizada em Blumenau, SC, apresentando o trabalho “Diagnóstico da Tuberculose Bovina pela prova comparativa da tuberculina”.

Luiz Amaral, ainda em 1966, viajou para o Rio de Janeiro para debater normas para a assinatura de ajustes com o Ministério da Agricultura. Em 1967, participa como presidente da Comissão de Defesa Sanitária Animal. Em 1968, participou junto à Diretoria da Divisão de Defesa Sanitária Animal do Ministério da Agricultura de reunião sobre problemas relacionados ao Ajuste de Febre Aftosa e do Ajuste do Combate à Brucelose Bovina.



Sempre ativo em sua rota de vida, no empenho de cumprir seus deveres como Médico Veterinário, viajou para Pelotas, Porto Alegre, Guaíba e Santa Maria, Rio Grande do Sul a fim de percorrer aquelas localidades com o objetivo de estudar os resultados da campanha contra a febre aftosa e outros problemas correlatos.

Em 1969 participou da XXI Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência em Porto Alegre, RS. Em 1970 participou da XXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira em Salvador, BA. Em outubro de 1970, Luiz participou de reunião programada para debater o Plano Nacional de Combate a Brucelose. Em 1973 foi para o Rio de Janeiro, GB, convocado pelo Ministério da Agricultura para participar de reunião sobre estandarização de tuberculinas usadas em todo o território nacional. Em 1974 participou como membro da comissão de especialistas em brucelose do Plano Nacional de Desenvolvimento, sob o patrocínio da Divisão de Defesa Sanitária Animal do Ministério da Agricultura. Em 1975 participou de treinamento sobre métodos para o diagnóstico da brucelose bovina, patrocinado pelo Ministério da Agricultura. Ainda em 1976, participou de reunião junto à Coordenação de Combate à Febre Aftosa no Ministério da Agricultura. Em 1977 participou do 1º Curso de Atualização em Tuberculose Bovina em Belo Horizonte, MG. Em 1980 participou do Curso sobre Brucelose Bovina em Belo Horizonte, MG. Em 1986 participou, ainda, do XX Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária em Cuiabá, MT. Em 1993 participou, na Escola de Veterinária de Minas Gerais, do Seminário Internacional sobre Tuberculose Bovina.

Além de toda essa gama de atividades, Luiz Amaral tinha sob seu comando a produção de: Tuberculina PPD bovina, Antígeno Acidificado Tamponado para diagnóstico de brucelose e Antígeno para diagnóstico de brucelose – Prova Lenta.

Ocupava a 20ª Cadeira da Academia Paulista de Medicina Veterinária.

Era um homem de fala concreta e estabelecia em seu caráter a sobriedade das palavras certas nas horas certas. Trabalho era o seu acerto incondicional. Excelente chefe que estabelecia a harmonia em seu recanto de trabalho e, acima de tudo, dignificou a sua carreira como médico veterinário e pesquisador científico. Nos deixou no ano que aconteceu agora. Mas, o seu trabalho está perpetuado nas pessoas que conviveram com ele e, também, no Centro de Memória do Instituto Biológico. ■

## Risco da introdução de animais exóticos num bioma equilibrado

compilado da Revista Pesca & Companhia (06.2016) e Peter Moon, da Agência FAPESP (17.02.2017)

Bioma foi definido pelo ecólogo norte-americano Frederic Clements, como uma comunidade de plantas e animais, geralmente de uma mesma formação. Apesar do conceito, no decorrer do tempo, ter sofrido algumas modificações e muitas definições, continua válida a afirmação que a introdução de animais exóticos para uma nova região geográfica representa significativo perigo, principalmente se nessa região não houver a presença dos predadores específicos ou as novas condições climáticas e ambientais não apresentarem os riscos naturais (fatores limitadores para a disseminação de novas populações). Assim sendo, a introdução acidental ou intencional com objetivos científicos ou econômicos representa sempre um risco de extinção de elementos da flora e fauna locais.

No Brasil já ocorreram casos de disseminação exageradas de espécimes alóctones (originário de fora da fronteira do sistema), bem avaliados pela comunidade, que recomenda sempre cautela e projetos bem idealizados.

Alguns dos casos mais marcantes serão resumidos em seguida.

A introdução da agressiva Abelha Africana (*Apis mellifera scutellata*), que fugiram de biotério de centro de pesquisa e cruzaram com as abelhas europeias (*Apis mellifera*) criadas na região, e já bem adaptadas às condições do Brasil, originou um mestiço muito agressivo (com relato de inúmeros acidentes com humanos e animais, alguns dos quais mortais), apesar de melhores produtores de mel.

A introdução do Caramujo Africano (*Achatina fulica*), introduzido no Brasil em 1980 a partir de exemplares vendidos numa Feira do Paraná, como uma opção ao Escargot (*Helix pomatia*). Como o tipo de criação não deu resultados econômicos positivos, os criadores soltaram os moluscos na natureza. Hoje a espécie está presente, além do Distrito Federal, em 23 dos 26 estados, incluindo a região amazônica e em reservas ambientais. Em alguns locais, relata-se que ao se abrir uma gaveta a encontramos repleta de caracóis!

O Mexilhão Dourado (*Limnoperna fortunei*) é um molusco bivalve, aquático, nativo do sul da Ásia, da família Mtilida, sendo capaz de se fixar em quase qualquer substrato e, possui grande capacidade adaptativa. Ele foi introduzido acidentalmente na América do Sul há mais de 10 anos por meio da “água de lastro” de navios mercantes, descarregada nos portos argentinos no rio da Prata. Hoje, o mexilhão já está espalhado por muitos rios tanto do Brasil como da Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. No Brasil, o primeiro registro ocorreu no Rio Grande do Sul, em 1999.

Os principais problemas identificados estão relacionados à saúde humana, à economia e aos ecossistemas. São eles: a obstrução de tubulações de captação de água e de filtros em sistemas industriais e de usinas hidrelétricas; danos a motores e embarcações, e alteração nos ecossistemas aquáticos.

Para encerrar a exemplificação, lembramos a migração do Javali (*Sus scrofa scrofa*, Javali-europeu) do Cone Sul Americano para a região Sul, Sudeste e Centro Oeste do Brasil ou mesmo da fuga de exemplares de javalis criados no nosso país para o exercício da caça. O javali livre, encontrou no meio ambiente propício e sem predadores as condições ideais para o cruzamento com o Porco Doméstico (*Sus scrofa domesticus*, Porco-doméstico), originando o perigoso invasor e destruidor de lavouras: o Javaporco.

Relatos recentes, apresentados na Revista da FAPESP, nos alertaram para um possível novo embate de um lagarto predador, espécime alóctone com os elementos da fauna brasileira. Sua detecção na zona portuária de Santos, SP, foi a primeira ocorrência na América do Sul de uma espécie original de Cuba, a *Anolis porcatus*, que é invasora, predadora e potencialmente nociva à fauna brasileira. ■

### Acesse

- ♦ Carpocalipse – Austrália planeja usar herpes vírus para controlar infestação de carpas: <http://www.apamvet.com/05-03-2017.pdf>
- ♦ Lagarto predador entra clandestinamente no Brasil: <http://www.apamvet.com/05-03-2017a.pdf>

## Peixe de aquário: casal viaja e paga R\$ 1.000,00 pela cirurgia

Fonte: Pesca & Companhia (06.2016)

Um casal britânico de Aston Clinton, Roy (59) e Caroline (54), pagou 200 libras (aproximadamente R\$ 1.000,00) e viajou pelo menos 300 km por conta da operação de seu pequeno peixe de aquário chamado “Nemo”. A intervenção durou 45 minutos, segundo informações do *Dailymail*.

O peixinho, de cinco anos, estava com tumor e corria risco de morrer. “Houve um momento em que o coração do peixe parou de bater por conta da anestesia, mas logo conseguimos reanimá-lo, graças à intervenção da enfermeira”, conta a veterinária Sonya Miles, que cuidou da cirurgia. A clínica Highcroft, de Bristol (Inglaterra), é especialista neste tipo de intervenção. A última havia ocorrido em 2015. ■



Divulgação

## Relação entre javalis e morcegos é preocupante, indica pesquisa

por Peter Moon, da Agência FAPESP (02.01.2017)

Agência **FAPESP**

A quantidade de morcegos-vampiros, que transmitem raiva e preocupam agropecuaristas, pode aumentar no Brasil e nas Américas por conta do crescimento das populações de outro animal, o javali. Um grupo de pesquisadores acaba de evidenciar um aumento alarmante na distribuição e no número de javalis e porcos feraiis. Além disso, demonstraram que os morcegos-vampiros (*Desmodus rotundus*) passaram a se alimentar do sangue destes porcos. À medida que a população de javalis aumenta, também crescem os danos à agricultura e à fauna nativa, entre outros problemas. Os javalis fornecem uma fonte também crescente de sangue a vampiros, o que pode aumentar em muito a população desses morcegos.

Os resultados do estudo, que tem apoio da FAPESP, foram publicados na revista *Frontiers in Ecology and the Environment*, por Mauro Galetti, professor do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em Rio Claro, SP, seu doutorando Felipe Pedrosa, Alexine Keuroghlian, bióloga da Wildlife Conservation Society – Brasil, e Ivan Sazima, professor colaborador do Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Das cerca de 1.200 espécies de morcegos no planeta, apenas três – todas das Américas – alimentam-se exclusivamente de sangue. *Desmodus rotundus* é a espécie de vampiro com maior distribuição, habitando um território que vai do México até a Argentina. O animal busca principalmente sangue do gado, mas há casos documentados de predação também de fauna nativa, como antas e veados.

Na Mata Atlântica, cerca de 1,4% dos morcegos-vampiros apresenta o vírus da raiva. Na Amazônia peruana, essa proporção pode chegar a 10%. A transmissão de raiva por vampiros é uma das maiores preocupações dos pecuaristas no Brasil, mesmo nas regiões onde o gado é vacinado. Mas animais selvagens, o que inclui os porcos feraiis, não são vacinados, criando um potencial elevado de disseminação da doença.

Nos últimos 12 anos, o grupo de pesquisadores tem usado armadilhas fotográficas, que são câmeras especiais que gravam à noite em infravermelho e disparam automaticamente quando o sensor detecta a passagem de algum animal.

Foram coletados 10.529 fotos e vídeos com diversos exemplos de vampiros predando porcos feraiis, gado, antas e veados-mateiros. Foram selecionados 158 eventos no Pantanal (101 com porcos feraiis, 38 com veados e 19 com antas) e 87 eventos na Mata Atlântica (35 com porcos feraiis, 29 com veados e 23 com antas). Com base nesses eventos, os pesquisadores calcularam que a porcentagem de encontros entre os morcegos-vampiros e os javalis é alta, em torno de 10% para as noites em que foram feitos registros.

“O vírus da raiva é transmitido por meio da saliva de morcegos. O vampiro *Desmodus rotundus* é também reservatório de outros vírus com potencial epidemiológico, como o hantavírus e o coronavírus”, disse Ivan Sazima.

“Os morcegos-vampiros gostam muito do sangue dos porcos e passar do porco doméstico para o feral e o javali deve ter sido simples para um animal adaptável como o vampiro”, disse Ivan Sazima. Porcos feraiis ou javaporcos são animais resultantes do cruzamento entre javalis, uma espécie selvagem europeia, com suínos desgarrados de fazendas no Brasil.

### Porcos feraiis

Os javaporcos aliam a ferocidade dos javalis com as dimensões e a fertilidade do porco doméstico, animal selecionado para fornecer mais carne e crias do que seu ancestral selvagem. Um javali macho adulto chega a 100 quilos. Um javaporco pode ter mais de 150 quilos e reproduz constantemente.

O Brasil enfrenta uma invasão de javalis e javaporcos sem precedentes na zona rural, com aumento de 500% desde 2007. Em 1989, javalis feraiis no Uruguai começaram a cruzar a fronteira com o Rio Grande do Sul do Brasil. Foi o início da infestação na região Sul.

“Em meados dos anos 1990, houve no Sudeste um incentivo grande à produção de carne de javali. Os produtores importaram matrizes e formaram plantéis. Mas o negócio não se mostrou tão rentável e alguns produtores abandonaram o negócio, soltando os javalis”, disse Felipe Pedrosa.

Na tentativa de salvar o negócio, os produtores começaram a cruzar os javalis com suínos domésticos, produzindo os javaporcos, que também foram liberados. Por conta disso, a infestação até então restrita ao Sul avançou pelo Sudeste até a Mata Atlântica, no estado de São Paulo. No Pantanal a invasão é mais antiga, desde o início da colonização portuguesa, com porcos criados soltos que se desgarraram e deram origem ao porco monteiro.

“Javalis, javaporcos e porcos monteiros são todos da mesma espécie do porco doméstico (*Sus scrofa*). A distribuição natural do javali é na Europa e na Ásia, mas foi introduzido na Austrália, América do Sul e Estados Unidos. Javalis e demais suídeos (porcos) em estado asselvajado são considerados uma das piores espécies exóticas do mundo”, destacam os pesquisadores.



Alexine Keuroghlian

Estudo evidencia que o sangue de porcos feraiis é alimento de morcegos-vampiros. Crescimento da população dos dois animais pode ampliar o impacto no meio ambiente e na agropecuária.

O estudo conclui que a invasão de javalis na Mata Atlântica e Pantanal representa uma séria ameaça e existe “uma necessidade urgente de desenvolver e implementar medidas efetivas de controle”.

Animais sociais, os javaporcos andam em bandos, são agressivos e muito perigosos. Como o javali (e o javaporco) é considerado uma espécie nociva à fauna brasileira, em 2013 o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) liberou a caça ao animal em território nacional.

No Estado de São Paulo, a caça só não é permitida no interior das unidades de conservação estaduais. “Isso é um problema, pois as mesmas unidades estão se tornando reservatórios e criadouros de javaporcos”, disse Felipe Pedrosa.

Enquanto os órgãos ambientais paulistas não resolvem a questão, liberando o controle de javaporcos nas unidades de conservação, esta permanece proibida. “Em poucos anos, estarão na Amazônia e na Caatinga. Na Europa e nos Estados Unidos o javali é a espécie de vertebrado que mais cresce em

número. Somente em 2016, na fronteira da Dinamarca com a Alemanha, foram abatidos 14 mil desses porcos”, disse o professor Mauro Galetti.

O problema pode não se limitar apenas a porcos. “Para os animais nativos que são mordidos por morcegos-vampiros, como antas, veados e capivaras, existe também o potencial de transmissão de outras doenças virais existentes nos javalis”, disse Alexine Keuroghlian. ■

- ◆ O artigo *Liquid lunch – vampire bats feed on feral pigs and other ungulates* (doi: 10.1002/fee.1431), de **Mauro Galetti, Felipe Pedrosa, Alexine Keuroghlian e Ivan Sazima**, pode ser lido em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/fee.1431/full>
- ◆ Sobre a distribuição e impacto de porcos ferais, o artigo *Current distribution of invasive feral pigs in Brazil: economic impacts and ecological uncertainty* (doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jncon.2015.04.005>), de **Felipe Pedrosa, Rafael Salerno, Fabio Vinicius Borges Padilha e Mauro Galetti**, pode ser lido em: [www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1679007315000092](http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1679007315000092)

## Acreditação dos cursos de Medicina Veterinária – CFMV dá início a fase experimental do projeto

por Carolina Menkes – Assessoria de Comunicação do CFMV (09.02.2017)

Preocupado com o ensino da Medicina Veterinária, o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) dará mais um passo para contribuir com a valorização profissional e melhoria da qualidade da formação dos médicos-veterinários. Em fevereiro terá início a fase experimental do projeto de **Acreditação dos Cursos de Medicina Veterinária**, que tem como objetivo atestar a qualidade dos cursos de graduação em medicina veterinária e garantir a eles uma maior credibilidade.

Durante a primeira fase, chamada de “piloto”, o instrumento de acreditação e o próprio rito do processo serão avaliados para posterior aperfeiçoamento e validação.

“Estamos vencendo etapas e consolidando posições conquistadas. Esta nova fase representa a implantação de uma política de acreditação de cursos que sabem o valor de seu corpo docente, programa pedagógico, equipamentos e ferramentas a serem utilizadas na formação profissional”, afirma o presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária, Benedito Fortes de Arruda.

As visitas, em caráter experimental, estão previstas para serem realizadas no Centro Universitário de Maringá (PR) e no Centro Universitário Octávio Bastos (SP), no dia 13 de fevereiro, e na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Botucatu (SP), em 20 de fevereiro.

Após a primeira fase do projeto, será aberto um edital para que o processo de acreditação tenha início e qualquer instituição possa se candidatar.

“A educação da medicina veterinária não pode ser considerada um simples balcão de negócios. Os cursos que sabem de sua capacidade e potencial terão destaque no universo da formação em medicina veterinária no Brasil. Teremos o prazer em mostrar aos pais, alunos do nível médio e aos próprios acadêmicos, as instituições de ensino que tem qualidade em

seus objetivos. Isto é fruto de um trabalho que levou anos em discussões com professores, coordenadores de cursos, instituições nacionais e internacionais”, completa Benedito Fortes de Arruda, presidente do CFMV.

Para o presidente da Comissão Nacional de Educação da Medicina Veterinária (CNEMV), Felipe Wouk, o processo de Acreditação trará mais segurança institucional para a educação veterinária brasileira, formando melhores profissionais e garantindo à sociedade a competência médico-veterinária.

“Existe um problema mundial em relação à qualidade da educação veterinária e os processos de acreditação verificam o padrão de qualidade existente em uma instituição, reconhecem esta qualidade e sugerem caminhos de melhoria rumo à qualidade total”, explicou, ainda Felipe Wouk, presidente da CNEMV.

### Em breve!

O CFMV lançará ainda no primeiro semestre a **Acreditação dos Cursos de Medicina Veterinária**, que representa o reconhecimento formal da competência de programas de ensino em medicina veterinária de uma determinada instituição em desenvolver as tarefas de educação, treinamento e avaliação dos estudantes, segundo requisitos de excelência pré-estabelecidos. O processo é de caráter voluntário e não substitui o reconhecimento já realizado pelo Ministério da Educação (MEC).

Os critérios a serem empregados pelo CFMV são específicos para a avaliação de cursos de medicina veterinária e possuem consenso mundial, como da Organização Mundial da Saúde Animal (OIE) e de outros órgãos acreditadores norte-americanos e europeus.

Fique atento, acompanhe as notícias no site do CFMV e nas redes sociais. ■

## Transparência na relação evita transtornos

Revista Veterinária e Zootecnia do CRMV-RS

Palavras-chave: ética; relação clínico-tutor; processos éticos

Na edição de Nº 88, de julho/setembro de 2016, da **Revista Veterinária & Zootecnia**, do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Rio Grande do Sul (CRMV-RS), Débora Cavichioli comenta como evitar a maioria dos processos éticos: manter um diálogo franco e aberto com o cliente, antes, durante e depois do atendimento.

Dos processos éticos profissionais instaurados por denunciantes no Conselho Regional de Medicina Veterinária do RS (CRMV-RS), os que mais se destacam são em decorrências de erros cometidos por médicos-veterinários ou pela falta de esclarecimento ao dono do animal. Para a gestora da Secretaria de Éticos do Conselho, Débora Cavichioli, o que falta é diálogo franco e transparência na relação médico veterinário e cliente. “As denúncias surgem mais como uma resposta às hostilidades e desentendimentos entre os envolvidos, do que pelo erro profissional”, afirma. Para ela, o que falta, também, é mais noção de gestão e conhecimento das regulamentações da profissão para que o negócio flua em todos os aspectos.

Inevitavelmente, casos desagradáveis podem acontecer na rotina profissional. Neste sentido, a gestora relata que os profissionais estão suscetíveis a dar notícias indesejáveis aos tutores e, por este motivo, a transparência e a franqueza são muito importantes. “Elas permitem um melhor entendimento e confiança entre os médicos veterinários e os tutores de seus pacientes”, afirma.

Também é importante atentar-se para alguns procedimentos formais obrigatórios para se proteger em caso de instauração de Processo Ético Profissional. Conforme a Resolução nº 1071 de 2014, do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV), não basta o consentimento verbal do cliente, em casos de procedimentos cirúrgicos. É preciso autorização por escrito com ciência do tutor, ou seja, documentar todos os procedimentos e comunicações realizadas. Débora reforça que esta é a melhor forma de prevenir denúncias éticas contra médicos-veterinários. A resolução traz modelos de declarações, de atestados e de autorizações e/ou solicitação dos responsáveis pelos animais

submetidos a procedimentos. “Com isso em mãos e o consentimento do tutor, o profissional fica respaldado”, comentou a gestora da Secretaria de Éticos do CRMV-RS.

Outra causa comum de instauração de Processo Ético Profissional é quando o médico veterinário nega-se a entregar o prontuário do animal ao tutor. O registro deste documento é de extrema importância, pois compila o histórico de saúde do animal e, portanto, é obrigatória a entrega do mesmo, sempre que solicitado pelo cliente, avalia Débora. O Código de Ética do Médico Veterinário também deixa claro que não fornecer ao cliente laudos, relatórios, atestados, certificados, bem como negar explicações necessárias à sua compreensão é passível de punição.

Sendo assim, se a relação entre o médico veterinário e o cliente, ou vice-versa, for estabelecida pelo respeito e transparência, além do cumprimento básico do Código de Ética da profissão, será possível minimizar instaurações de processos. “A finalidade não é consentir erros de alguma das partes, mas de tornar as falhas compreensíveis”, destaca Débora.

Obs.: a clínica veterinária é uma atividade profissional que tem regras, procedimentos que devem ser seguidos. ■

Segundo o Código de Ética da Medicina Veterinária, os atos profissionais que vierem a causar dano ao paciente ou ao cliente são caracterizados de três formas, que estão explicadas abaixo. Os três podem resultar em abertura de Processo Ético Profissional.

- ♦ **Imperícia:** quando o procedimento é realizado sem habilitação, o que corresponde a um despreparo teórico ou prático;
- ♦ **Imprudência:** quando oferece risco ao paciente, sem respaldo científico para o procedimento, agindo sem cautela;
- ♦ **Negligência:** quando o profissional não oferece cuidados necessários ao paciente, sugerindo inatividade, omissão, falta de cuidado, desatenção ou um ato irregular.

**Diálogo franco e transparência na relação médico veterinário e cliente é fundamental.**



Alexander Rath

## Edital intima interessados em prestar informações em recurso sobre periculosidade por uso de raio-X móvel

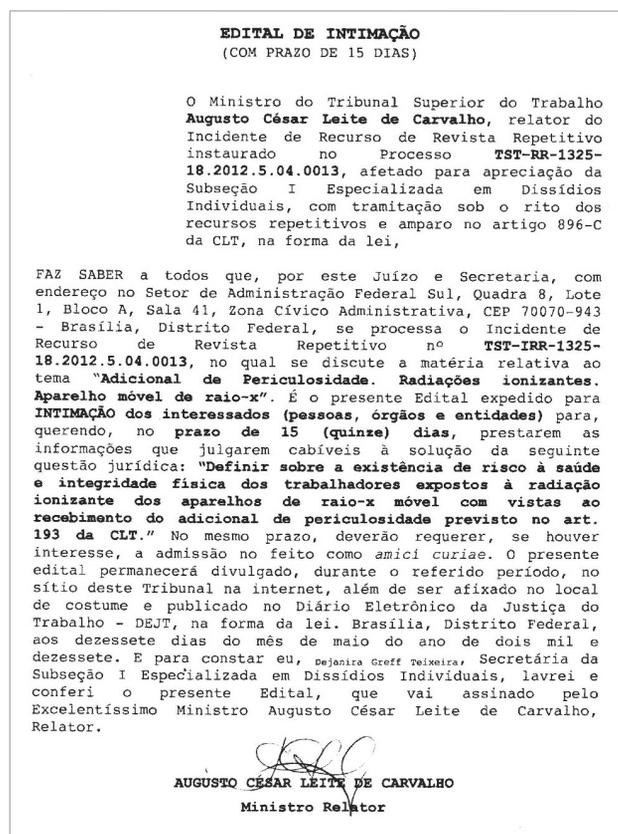
Fonte: <http://www.granadeiro.adv.br/category/clipping/jurisprudencia>

O ministro Augusto César Leite de Carvalho, do Tribunal Superior do Trabalho, abriu prazo de 15 dias para que pessoas, órgãos e entidades interessados se manifestem em incidente de recurso repetitivo que discute a concessão de adicional de periculosidade por exposição a radiações ionizantes a profissionais que utilizam aparelhos móveis de raio-X. O recurso foi afetado à Subseção 1 Especializada em Dissídios Individuais (SDI-1) para ser examinado sob a sistemática dos recursos repetitivos, ou seja, a tese jurídica a

ser fixada deverá ser aplicada a todos os demais processos em tramitação na Justiça do Trabalho que tratem do mesmo tema. A questão jurídica a ser definida no incidente de recurso repetitivo é a seguinte:

“Definir sobre a existência de risco à saúde e integridade física dos trabalhadores expostos à radiação ionizante dos aparelhos de raio-x móvel com vistas ao recebimento do adicional de periculosidade previsto no artigo 193 da CLT.”

Veja a seguir a íntegra do Edital de Intimação. ■



Tribunal Superior do Trabalho, por Carmem Feijó, 19.05.2017

## Trabalhar demais é prejudicial

por Leandro Zaine – CRMV SP 21.418 – [leandro@vetup.com.br](mailto:leandro@vetup.com.br)

Uma colega veterinária me perguntou recentemente: “quando eu sei que o excesso de trabalho está se tornando prejudicial na minha vida?”. E esse é um tema bem interessante, já que a nossa rotina de trabalho como veterinários está cada vez mais intensa, mas como saber quando o excesso de trabalho está mais atrapalhando que ajudando?

Acredito que um primeiro ponto a se pensar é diferenciar “estar produzindo” ou “estar ocupado”. Muitas vezes corremos tanto no dia-a-dia, mas quais das nossas atividades estão

realmente produzindo resultados? Observe um dia típico de trabalho seu. Se essas atividades que te dão a sensação de estar avançando são a minoria e você chega a noite frustrado, sentindo que não fez nada produtivo, então você está apenas ocupado e não produzindo.

Um segundo ponto então é pensar se o que estou produzindo está levando minha vida para onde eu espero. Às vezes você é eficiente, cumpre metas, realiza muitas atividades, mas elas estão te levando aonde você deseja chegar? E você sabe

onde deseja chegar? Quais são seus sonhos? O que quer construir na vida? Ao final da sua vida, ao olhar para trás, qual cenário quer ver? Pode parecer meio filosófico demais, mas é esse senso de propósito que vai te dar a motivação para acordar de manhã e seguir adiante.

Agora costurando esses 2 pontos, se você está produzindo e em algo que vai te levar à realização, pode ser que a sua carga de trabalho seja bem intensa. E algumas pessoas não vão entender. Mas aquele trabalho já não é mais uma obrigação para você, não é algo pesado, por mais que você vire madrugadas e finais de semana, está feliz! Agora só falta atingir um pouco de equilíbrio. Delimitar os horários que você vai trabalhar, para também ter os espaços na sua agenda para cuidar da saúde, família, lazer, etc.

Por outro lado, se você sente que sua carreira está estagnada e o trabalho árduo do dia-a-dia não está fazendo muito

sentido, pare um tempo para refletir e avalie se não é tempo de mudanças. Pode ser somente cansaço e com um tempo de folga e alguns ajustes na rotina, você já retome a sua motivação. Mas, se concluir que é hora de ousar e buscar novos caminhos, sempre é tempo para recomeçar. Eu fiz isso recentemente e não foi fácil. Foi uma decisão que foi amadurecendo ao longo de vários meses e quando tomei a coragem necessária para trilhar um caminho diferente, consegui enxergar o quanto valeu a pena!

Nossa profissão é rica em oportunidades e de satisfação. A vida de um veterinário é muito mais movida por um senso de propósito do que por uma motivação financeira e isso é muito bom! Afinal, nossa missão de vida se encontra acima do interesse econômico. Se conseguirmos enxergar isso, trabalhar bastante nunca será um problema, pois é o que vai nos fazer plenos. ■

## Quanto custa elogiar alguém? O elogio faz bem para o bom clima na empresa

por Daniela do Lago, especialista em comportamento no trabalho, coach de carreira, mestre em administração e professora  
Fonte: <http://www.granadeiro.adv.br/category/clipping/noticias>

Uns chamam elogio de “feedback positivo”. Pouco importa o nome dado a essa ação vital para o bom clima na empresa, nos ambientes em que frequenta e até na família.

### Ser elogiado faz aumentar autoestima

Elogiar desencadeia uma série de substâncias do prazer, da alegria e da satisfação em quem recebe o elogio, acarretando em mais autoestima. O colaborador que é elogiado fará um pouco melhor e, para receber outro elogio, dará algo mais na próxima vez.

Nas minhas aulas de MBA, oriento meus alunos a fazerem um trabalho de pesquisa sobre o impacto positivo que geram nos ambientes em que transitam. Para minha surpresa, o resultado é que a maioria das pessoas pesquisadas estranha o fato de ter que apontar um aspecto positivo, pois está acostumada a criticar e focar no negativo.

Veja bem, não me refiro ao elogio puxa-saco ou falso; aquele elogio mais exagerado, interesseiro e deslocado, bem fácil de se identificar. Geralmente são emitidos para pessoas que ocupam posições hierárquicas superiores. São os famosos “tapinhas nas costas”.

O elogio pode ser considerado um ato puramente de reconhecimento, do fundo do coração da pessoa que o emite, e também pode ser um ato irônico, sedutor, bajulador e sarcástico.

Não adianta dizer coisas do tipo: “fulano faz um trabalho excelente”; “ele é uma boa pessoa”; “um funcionário maravilhoso”. Ao dizer tais elogios genéricos, você pode se tornar vazio e ficar até pedante. Melhor evidenciar um fato específico que a pessoa fez para mostrar um trabalho excelente, por exemplo.



Infelizmente, a maioria das pessoas no trabalho, sejam chefes ou funcionários, não elogia. Impressionante como vivemos numa cultura de crítica, em que basta um simples erro no trabalho ou a pessoa agir fora dos padrões esperados, para a crítica rapidamente chegar feroz e pontual. Mas, e quando fazemos algo bacana ou algo extraordinário na empresa?

### Elogio é mais poderoso que uma bronca

Às vezes, um elogio sincero é tudo o que funcionário deseja para continuar a performar naquela empresa.

Faça elogio sincero. Todo mundo quer e todos nós precisamos. Elogie, elogie e elogie a cada bom novo comportamento na empresa. Seja generoso na sua aprovação.

No livro “O Poder do Elogio nas Organizações”, um dado da pesquisa realizada me chamou atenção: 56% das pessoas consideram que o elogio é mais poderoso que uma bronca. É o caminho mais eficaz para se conseguir um comportamento desejado de outra pessoa. Está mais que na hora de os líderes focarem no que sobra de qualidades nos colaboradores do que focar somente no que falta.

E você? Quando foi o elogio mais recente que você deu? De nada adianta reclamar que não recebe elogio, se você mesmo não tem hábito de fazê-lo.

Seja justo com quem faz a diferença. Do seu contato pessoal ou profissional, quem merece um elogio agora? Fale para essa pessoa agora mesmo. Não vai lhe custar nada. ■

## Benefícios da interação homem e animal são cada vez mais foco de estudos em renomadas instituições

M.V. Msc. Carolina Padovani – CRMV-SP 28.089 – gerente de comunicação científica da Royal Canin – Brasil | carolina.padovani@royalcanin.com

Palavras-chave: comportamento pet; interação homem-animal; relação criança-animal; recebendo apoio psicológico

A relação entre homens e animais ganha cada vez mais relevância no campo da ciência. Recentes estudos demonstraram importantes descobertas na interação com crianças.

Um deles destaca que os pets promovem a habilidade social e autoestima em crianças, impulsionando o seu desenvolvimento.

Crescer com um animal de estimação pode trazer benefícios sociais, emocionais e educacionais às crianças e adolescentes. Crianças com animais de estimação tendem a ter autoestima mais elevada, se sentem menos sozinhas e têm mais habilidades sociais. A pesquisa sustenta a convicção de que os pets podem ajudar no desenvolvimento de crianças saudáveis.

O estudo da Universidade de Liverpool, publicado no International Journal of Environmental Research and Public Health (Jornal Internacional de Pesquisa Ambiental e Saúde Pública) foi financiado pelo Centro de Nutrição e Bem-estar Animal WALTHAM™, da Mars Petcare, maior empresa de alimentos para pets do mundo, liderado pela Dra. Carri Westgarth, do Institute of Infection and Global Health (Instituto de Infecção e Saúde Global). Os pesquisadores realizaram uma análise profunda e uma avaliação de qualidade dos estudos, que investigaram os efeitos de se ter animais de estimação no desenvolvimento emocional, educacional e comportamental de crianças e adolescentes.

“Qualquer um que cresceu com um animal de estimação e o amou sente, intrinsecamente, o valor da convivência”, diz a Dra. Carri Westgarth, líder do projeto. “As evidências científicas provenientes de investigações sobre os benefícios ao desenvolvimento de crianças e adolescentes parecem promissoras. Analisamos profundamente essas evidências para entender que benefícios em potencial são mais fortemente sustentados. Em última análise, isso irá nos permitir saber mais

sobre como os animais de estimação dão suporte emocional, educacional e social às crianças e adolescentes”.

Segundo a autora principal do estudo, Rebecca Purewal, as idades críticas para o impacto da presença de animais de estimação na autoestima parecem ser mais expressivas em crianças com menos de 6 anos e também em pré-adolescentes e adolescentes com mais de 10. Em geral, cães e gatos são considerados os melhores provedores de suporte social, talvez em função de um nível maior de interação e reciprocidade em comparação com outros animais de estimação, destaca Dra. Purewal. Ela ainda enfatiza que nas culturas ocidental e não-ocidental os animais de estimação podem agir como uma forma de apoio psicológico, ajudando as crianças a se sentirem seguras de si mesmas e criando uma autoimagem positiva.

“Os padrões entre subpopulações e grupo de idade sugerem que animais de estimação têm o potencial de promover o desenvolvimento de crianças e adolescentes saudáveis”, diz a pesquisadora da WALTHAM™, Nancy Gee, coautora do estudo. Esse é um campo estimulante e ainda há muito o que aprender sobre os processos através dos quais a convivência com animais de companhia pode impactar o desenvolvimento de crianças saudáveis, ressalta Dra. Gee.

Da mesma forma, um outro recente estudo revela que animais de estimação são companhias preferidas por crianças, que passam a dar mais importância à companhia de seu animal de estimação a de seus irmãos e irmãs, de acordo com um estudo recém-publicado pela Universidade de Cambridge. A pesquisa se soma ao aumento de evidências de que os animais de companhia podem ter grande influência no desenvolvimento da criança e ter impacto positivo nas habilidades sociais e bem-estar emocional.



**Os padrões entre subpopulações e grupo de idade sugerem que animais de estimação têm o potencial de promover o desenvolvimento de crianças e adolescentes saudáveis**  
Nancy Gee

Os animais de estimação são quase tão comuns quanto irmãos nas residências ocidentais, apesar de haver relativamente poucos estudos sobre a importância dos relacionamentos entre crianças e pets. “Qualquer pessoa que tenha amado um animal de estimação na infância sabe que nós os procuramos para companhia e revelações, exatamente como nos relacionamentos entre pessoas”, disse Matt Cassels, pesquisador líder do estudo. “Queríamos saber o quão forte são estes relacionamentos com os animais de estimação em relação a outros laços familiares. Isso nos permitir entender como os pets contribuem para um desenvolvimento infantil mais saudável”.

Esse estudo, publicado no Journal of Applied Developmental Psychology (Jornal de Psicologia Aplicada de Desenvolvimento), foi conduzido em colaboração com o Centro WALTHAM™ de Nutrição Animal, parte da Mars Petcare, e o Conselho de Pesquisa Econômica e Social como parte de um estudo mais amplo, liderado pela professora Claire Hughes do Centro de Pesquisa Familiar da Universidade de Cambridge.

Os pesquisadores entrevistaram crianças com 12 anos de idade de 77 famílias com um ou mais animais de estimação de todos os tipos e com mais de uma criança na residência. As crianças relataram fortes relacionamentos com seus animais de estimação em relação aos seus irmãos, com níveis mais baixos de conflitos e maior satisfação em tutores de cães do que de outros tipos de animais de estimação.

Segundo Cassels, apesar de o animal de estimação não entender totalmente ou responder verbalmente, o nível de revelações para pets não é menor do que aquelas feitas aos irmãos. “O fato de os animais de estimação não entenderem ou responderem pode ser um benefício, pois isso significa que eles não fazem nenhum julgamento. Enquanto pesquisas anteriores frequentemente revelaram que os meninos reportam relacionamentos mais fortes com seus animais de estimação do que as meninas, nós, na verdade, descobrimos o oposto. Enquanto meninos e meninas estão igualmente satisfeitos com seus animais de estimação, as meninas reportaram mais revelações, companheirismo e conflito com seus pets do que



**Enquanto meninos e meninas estão igualmente satisfeitos com seus animais de estimação, as meninas reportaram mais revelações, companheirismo e conflito com seus pets do que os meninos.**

**Cassels**

os meninos, talvez indicando que as meninas podem interagir com eles de maneiras diferenciadas”, destaca Cassels.

“As provas continuam a aumentar, mostrando que os animais de estimação têm benefícios positivos na saúde humana e na coesão comunitária”, disse a pesquisadora da WALTHAM™, Nancy Gee, uma coautora do estudo. “O apoio social que os adolescentes recebem dos pets pode possivelmente apoiar seu bem-estar psicológico mais adiante na vida, mas há ainda muito a aprender sobre o impacto de longo termo dos animais de estimação em seu desenvolvimento.” ■

### **Centro WALTHAM™ de Nutrição e Bem-estar Animal**

Celebrando mais de 50 anos de ciência, o Centro de Nutrição e Bem-estar Animal WALTHAM™ atua como uma importante autoridade científica no desenvolvimento das fronteiras de pesquisa sobre nutrição e bem-estar de cães, gatos, cavalos, pássaros e peixes e em seus benefícios na interação homem x animal. Localizado em Leicestershire, interior da Inglaterra, WALTHAM™ dispõe de expertise e conhecimento que sustentam as principais marcas da Mars, tais como: como ROYAL CANIN®, PEDIGREE®, WHISKAS®, BANFIELD®, IAMS®, CESAR®, NUTRO®, SHEBA®, DREAMIES® e EUKANUBA®. Os mais de 200 profissionais de WALTHAM™, dentre eles Médicos-Veterinários, Nutricionistas, Bioquímicos e Especialistas em Comportamento Animal, são internacionalmente reconhecidos por seu trabalho cooperativo. Parcerias são constantemente firmadas com autoridades reguladoras do setor e órgãos governamentais e todo conhecimento gerado é compartilhado de forma ampla. Desde a publicação de sua primeira pesquisa original, em 1963, WALTHAM™ é pioneiro de muitos avanços importantes no campo da nutrição de animais domésticos e interação homem x animal, resultando em mais de 1.700 publicações, incluindo mais de 600 artigos técnicos em revistas científicas. Além de financiar ativamente projetos estudantis para criar e desenvolver talentos no campo da pesquisa, WALTHAM™ continua a colaborar com os institutos científicos mais avançados do mundo, impulsionando a visão da Mars Petcare de criar “Um mundo melhor para os animais de estimação” e fornecendo a ciência e a expertise que sustentam importantes inovações no campo da nutrição.

### **Universidade de Liverpool**

A Universidade de Liverpool é uma das principais instituições de pesquisa do Reino Unido, com 81% das pesquisas classificadas como líderes mundiais ou excelentes internacionalmente. A Liverpool se classifica entre as 1% melhores instituições de ensino superior no mundo é afiliada ao Russell Group.

## Estresse térmico

### Minimizando as consequências através da gestão nutricional

por Jean Pascard, gerente de produtos ruminantes, IBERSAN (Grupo CCPA – França), graduado em Engenharia Zootécnica pela ENSAR  
As referências e detalhes de métodos sobre estes estudos estão disponíveis com o autor, sob demanda, pelo e-mail: geral@ibersan.com.br

Palavras-chave: produção animal; impacto do calor em bovinos, aves, suínos; rentabilidade do negócio pecuário; estresse térmico

O estresse térmico é uma grande preocupação na gestão dos rebanhos bovinos, avícolas e de suínos pelo fato de impactar negativamente no bem-estar, no desempenho produtivo e reprodutivo, e na rentabilidade do negócio. Além disso, considerando-se as previsões climáticas – com um aumento médio estimado da temperatura global entre 0,5 e 4,8 °C até o ano de 2100 – as condições de estresse térmico devem se tornar cada vez mais cotidianas nas fazendas. O Brasil está localizado na faixa mais quente do planeta.

Nesse preocupante cenário, um estudo de 2015, encomendado por suinocultores do estado de IOWA (USA) a cientistas, aponta prejuízos provocados pelo estresse térmico, da ordem de US\$ 1 bi por ano. Na avicultura norte-americana, St-Pierre, Cobanov, Schnitkey (2003) estimaram perdas por estresse térmico entre US\$ 128 e US\$ 165 mi. De acordo com a EMBRAPA, as perdas severas na produção de leite decorrentes do estresse térmico, no Brasil, podem ser superiores a 25% de toda a riqueza gerada por esta atividade.

Temperatura (°C)	Umidade relativa (%)																		
	0	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	65	70	75	80	85	90
22.0	64	65	65	65	66	66	67	67	67	68	68	69	69	69	70	70	70	71	71
23.0	65	65	65	66	66	67	67	68	68	68	69	69	70	70	71	71	71	72	72
23.5	65	66	66	67	67	67	68	68	69	69	70	70	70	71	71	72	72	73	73
24.0	66	66	67	67	68	68	68	69	69	70	70	71	71	72	72	73	73	74	74
24.5	66	67	67	68	68	69	69	70	70	71	71	72	72	73	73	74	74	75	75
25.0	67	67	68	68	69	69	70	70	71	71	72	72	73	73	74	74	75	75	76
25.5	67	68	68	69	69	70	70	71	71	72	73	73	74	74	75	75	76	76	77
26.0	67	68	69	69	70	70	71	71	72	73	73	74	74	75	76	76	77	77	78
26.5	68	69	69	70	70	71	72	72	73	73	74	75	75	76	76	77	78	78	79
27.0	68	69	70	70	71	72	72	73	73	74	75	75	76	77	77	78	78	79	80
28.0	69	69	70	71	71	72	73	73	74	75	75	76	77	77	78	79	79	80	81
28.5	69	70	71	71	72	73	73	74	75	75	76	77	78	78	79	80	80	81	82
29.0	70	70	71	72	73	73	74	75	75	76	77	78	78	79	80	80	81	82	83
29.5	70	71	72	72	73	74	75	75	76	77	78	78	79	80	81	81	82	83	84
30.0	71	71	72	73	74	74	75	76	77	78	78	79	80	81	81	82	83	84	84
30.5	71	72	73	73	74	75	76	77	77	78	79	80	81	81	82	83	84	85	85
31.0	71	72	73	74	75	76	76	77	78	79	80	81	81	82	83	84	85	86	86
31.5	72	73	74	75	75	76	77	78	79	80	80	81	82	83	84	85	86	86	87
32.0	72	73	74	75	76	77	78	79	79	80	81	82	83	84	85	86	86	87	88
33.0	73	74	75	76	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	86	87	88	89
33.5	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	85	86	87	88	89	90
34.0	74	75	76	77	78	79	80	80	81	82	83	85	85	86	87	88	89	90	91
34.5	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	86	86	87	88	89	90	91	92
35.0	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93
35.5	75	76	77	78	79	80	81	82	83	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94
36.0	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	89	90	91	92	93	94	95
36.5	76	77	78	80	80	82	83	83	85	86	87	88	89	91	92	92	93	94	95
37.0	76	78	79	80	81	82	83	84	85	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96
38.0	77	78	79	81	82	83	84	85	86	87	88	90	91	92	93	94	95	96	98
38.5	77	79	80	81	82	83	84	85	86	87	89	90	92	93	94	95	96	98	99
39.0	78	79	80	82	83	84	85	86	87	89	90	91	92	94	95	96	97	98	100
39.5	78	79	81	82	83	84	86	87	88	89	91	92	93	94	96	97	98	99	101
40.0	79	80	81	83	84	85	86	88	89	90	91	93	94	95	97	98	99	100	101
40.5	80	80	82	83	84	86	87	88	89	91	92	95	96	97	98	99	100	101	102
41.0	80	81	82	84	85	87	88	89	90	91	93	94	95	97	98	99	101	102	103
41.5	80	81	83	84	85	87	88	89	91	92	94	95	96	98	99	100	102	103	104

Figura 1 – Diagrama de estresse térmico para vacas leiteiras (Burgos Zimbelman e Collier, 2011). Menor estresse térmico = ITU 68-71; estresse mediano = ITU 80-89; estresse térmico extremo = ITU 90-99; fatal = ITU > 99. (Fonte: International Dairy Topics, Volume 15, Nº 3)

No Brasil, o percentual de ovos trincados e ou quebrados em decorrência do estresse térmico pode chegar a 7,40% devido à perda da qualidade dos ovos entre a postura e o consumo (TOGASHI et al., 2003).

Para mensurar o estresse térmico, o melhor indicador, em nível mundial, continua a ser o ITU – Índice de Temperatura e Umidade (vide Figura 1: índice que combina temperatura e umidade, com faixas de estresse térmico aplicadas neste caso para ruminantes de leite). As vacas leiteiras, as aves e suínos de corte, por exemplo, começam a sentir os efeitos devastadores do estresse térmico quando o ITU ultrapassa 72 pontos, 67 pontos e 75 pontos, respectivamente. Este nível é atingido, por exemplo, a partir de uma temperatura de 24 °C e umidade de 68%.

Acima de 72 pontos, por exemplo, cada ponto incremental no ITU impacta diretamente na queda de 0,2 kg de leite/vaca/dia. No norte da Europa, situações de estresse térmico podem ocorrer até mesmo abaixo destes índices. Um estudo recente na Escócia acompanhando os níveis do rebanho leiteiro ao longo de vários anos demonstrou queda na produção de leite a partir de um ITU de 60 pontos.

Afim de monitorar os níveis de risco do estresse térmico nas fazendas, o grupo CCPA desenvolveu um aplicativo para smartphones (iPhone e Android) denominado THERMOTOOL, cujo download está disponível de forma gratuita na Apple Store e no Google Play. Graças a este aplicativo, os criadores podem antecipar suas ações para condições de estresse térmico com previsão para os cinco dias seguintes e, se necessário, adaptar em tempo hábil o manejo e a nutrição dos animais.

### Múltiplas consequências do estresse térmico

O estresse térmico tem diferentes impactos negativos em vacas leiteiras:

- ◆ Acima de 22°C, o consumo de matéria seca cai, e tal condição é ainda mais deteriorada em função de alta umidade relativa do ar (tabela I). Para compensar essa queda no consumo de ração, há um aumento na mobilização de reservas no organismo.
- ◆ Ocorre também uma redistribuição periférica do sangue para maximizar a dissipação de calor, enquanto há uma vasoconstrição no trato gastrointestinal. Como resultado, o intercâmbio em nível intestinal é prejudicado de duas formas: menor assimilação de nutrientes no sangue e potenciais riscos de danos à barreira intestinal.
- ◆ Além disso, há significativo aumento da frequência respiratória, cardíaca e excreção de gás carbônico. Para manter o pH sanguíneo, a vaca elimina bicarbonatos através dos rins, levando à acidose metabólica. Além disso, a redução da salivação aumenta o risco de acidose ruminal.
- ◆ Outra consequência é a grande perda de eletrólitos, através da transpiração.
- ◆ Vários estudos demonstram um aumento do período de anestro pós parto para vacas leiteiras e matrizes que sofrem com o estresse térmico, em grande parte devido à falta de ingestão de energia.
- ◆ O estresse térmico durante o período seco das vacas impacta também na diminuição do peso do bezerro no nascimento, e compromete a transferência passiva de imunoglobulinas do colostro e funções imunológicas mediadas pelas células dos bezerras durante o período pré-desmame.

Todos estes impactos são potencializados quando lidamos com animais de alta produtividade, que são particularmente mais sensíveis às variações de temperatura e umidade.

Consumo de Matéria Seca (%)	Umidade relativa (%)			
	50	60	70	80
Temperatura (°C)				
20	100	100	99	99
22	98	97	97	96
24	96	95	94	93
26	94	92	91	89
28	91	90	82	86
30	89	87	85	83

Tabela 1 – Consumo voluntário de matéria seca reduz com o aumento da temperatura e umidade (Garcia e Diaz-Royon, Universidade da Dakota do Sul, 2014).

### Nutrição na luta contra o estresse térmico

Devido à variedade de impactos que o estresse térmico gera, é difícil solucionar este problema com uma ação única. Dentre as opções possíveis, a nutrição pode desempenhar um papel importante e de alta eficácia.

A incorporação de aditivos tecnológicos inovadores à dieta dos animais foi desenvolvida para atuar em diferentes níveis, lutando contra os impactos do clima quente e úmido,

de modo a garantir e manter o desempenho dos animais, de três maneiras:

- ◆ Evitando a queda no consumo de matéria seca, os aditivos baseados em extratos vegetais dão suporte à manutenção do consumo, graças à ação de seus componentes ativos que estimulam a atividade enzimática, contribuindo para a digestibilidade alimentar (amilase, lipase, tripsina e quimotripsina).

- ◆ A gestão de fornecimento mineral através de aditivos de última geração também contribui para aumentar a ingestão de alimentos, com melhor equilíbrio eletrolítico. Os extratos vegetais aumentam a produção de saliva, que propicia uma ajuda suplementar ao efeito tamponante na dieta.
- ◆ Os extratos vegetais também são ativos na regulação geral do metabolismo, com redução da frequência cardíaca, respiratória, e da temperatura corporal das vacas.

### Resultados de Testes a Campo

- ◆ Fazendas de Leite

O grupo CCPA realizou diversos ensaios testando diferentes dietas e soluções nutricionais, em diversos países. Em todos

os países e experimentos, foi observado um aumento na produção em períodos quentes para os lotes que receberam a suplementação com o aditivo de extratos vegetais: de 0,5 a 3 litros incrementais/vaca/dia, dependendo de diferentes parâmetros do rebanho.

Mesmo em fazendas com modernos sistemas de resfriamento (por exemplo, no Vietnã), verificou-se ganhos com o uso de aditivos naturais. A tabela 2 resume vários testes de campo conduzidos sempre com dois lotes homogêneos de animais, em diferentes países do mundo.

Também é possível reduzir o impacto do estresse térmico para a produção de ruminantes de pequeno porte, de aves e de suínos. De fato, testes realizados com cabras levaram aos mesmos níveis de resultados.

País	Número de animais	Raça	ITH	Leite – Grupo de Controle	Leite – Grupo Axion THERMOPLUS	Resultado	%
França	54	Holandesa	72	31,20	32,40	+1,20	p<0.05
Vietnã	178	Holandesa	82	24,20	25,00	+0,80	p<0.05
Vietnã	39	Holandesa	82	24,00	25,05	+1,05	p<0.05
México	44	Holandesa	72	37,00	39,05	+2,05	
Turquia	30	Holandesa	80	28,40	30,19	+1,76	
Hungria	632	Holandesa	79	29,46	31,73	+2,27	
Brasil	175	Hol/Zebu	75	30,60	31,60	+1,00	p<0.05
Brasil	36	Hol/Zebu	79	18,00	19,30	+1,30	p<0.01

Tabela 2 – Aumento da produção de leite durante o estresse térmico (grupo CCPA, 2016).

- ◆ Animais em engorda

Para bovinos de corte, também foram realizados ensaios no México (Tabela 3). Estes experimentos demonstraram melhoras nos níveis de desempenho e taxas de conversão alimentar graças ao uso de aditivos tecnológicos.

Obviamente, além da nutrição, é altamente recomendável controlar e adaptar as condições de ambiência e sistemas de refrigeração, além de gerir a frequência da distribuição de alimento aos animais.

País	Número de animais	Peso inicial (kg)	GDP – Grupo Controle	GDP – Axion THERMOPLUS	Conversação alimentar – Grupo Controle	Conversação alimentar – Axion THERMOPLUS
México	1600	470	1020	1236	9.86	8.17
México	700	400	1775	1845	6.11	5.96

Tabela 3 – Aumento do ganho de peso durante o estresse térmico (grupo CCPA, 2012).

### Fito Expertise e o seu papel na nutrição animal

A fito expertise (ou fito conhecimento) consiste no trabalho e investimento contínuos de identificação, qualificação e análise de plantas (extratos vegetais) e óleos essenciais que contenham princípios ativos benéficos para os animais ou seres humanos.

O desenvolvimento de soluções nutricionais pautadas em fito expertise consiste nas seguintes etapas:

O Grupo CCPA, controlador da IBERSAN, é referência mundial em pesquisa e desenvolvimento de inovações nutricionais pautadas em soluções naturais para os mais diversos desafios da produção pecuária (ativos antioxidantes, anti-inflamatórios, estimuladores de secreções digestivas...), com mais de 60 publicações científicas nos últimos 10 anos e patentes em nível mundial.

- 1 Identificação e qualificação das substâncias ativas contidas em cada uma das plantas e dos óleos essenciais.
- 2 Avaliar os benefícios dos princípios ativos sobre os animais: ação antioxidante, anti-inflamatória, digestiva...
- 3 Pesquisa das associações de substâncias ativas com teste de efeitos dos aditivos sinérgicos.
- 4 Desenvolvimento de produtos e otimização técnico-econômica: pesquisa para otimizar o custo de cada dose do produto.
- 5 Validação dos produtos e testes de sua eficácia *in vitro*, em nossa fazenda experimental e em fazendas.

## Diagnóstico por Imagem na Fundação Parque Zoológico de São Paulo

M.V. Me. Fabrício Braga Rassy, CRMV-SP 19227, chefe da divisão de Veterinária – Fundação Parque Zoológico de São Paulo | www.zoologico.sp.gov.br  
Carolina Vaz Cabral Nery, CRMV-SP 20726

Palavras-chave: diagnóstico por imagem em animais de zoológico; radiografia, ultrassom, tomografia em animais selvagens

Um dos grandes desafios da rotina médico veterinária com animais de zoológico é lidar com a grande variedade de espécies nesta especialidade, que requer conhecer e abordar, entre outros fatores, uma abrangente lista de doenças que as acometem. Para tanto, deve-se contar com uma série de métodos complementares para auxiliar no diagnóstico definitivo de enfermidades, como na medicina de animais domésticos.

O diagnóstico por imagem é uma especialidade médica que aplica diferentes tecnologias de aquisição de imagem com fins diagnósticos. Nesse cenário, podemos incluir os equipamentos de raios-X, de ultrassom, tomógrafos e aparelhos de ressonância magnética, que são amplamente utilizados tanto na medicina humana, como na medicina veterinária de uma forma geral.

Com animais selvagens não é diferente. Atualmente, a Divisão de Veterinária (DV) da Fundação Parque Zoológico de São Paulo (FPZSP) conta com um moderno aparelho de ultrassom e um equipamento de radiografia computadorizada (CR), para diagnóstico nas diferentes classes do plantel.

A radiografia é um dos exames complementares mais utilizados pela DV. No ano de 2015, foram realizados 515 exames radiográficos, sendo 216 (42%) exames em aves, 184 (36%) em mamíferos, 89 (17%) em répteis e 26 (5%) em anfíbios. Esse método tem auxiliado sobremaneira o diagnóstico de doenças osteoarticulares; da cavidade torácica e abdominal de animais do zoo. A maioria dos animais é contida quimicamente ou anestesiado para realização deste exame, visando a segurança da equipe, do animal e sempre objetivando um posicionamento adequado para o exame (Figura 1).

Um grande desafio em radiologia de animais selvagens é a escassez de referências dos padrões de normalidade para todas as espécies, principalmente as espécies nativas da fauna brasileira.



Figura 1 – Macaco prego (*Sapajus* sp.) contido quimicamente para realização de exame radiográfico em avaliação preventiva.



Figura 2 – Imagem ultrassonográfica evidenciando cavitações em Testículo de Cachorro-vinagre diagnosticado com Tumor de células de Leydig (*Speothos venaticus*).



Figura 3 – Imagem ultrassonográfica evidenciando Líquido livre em abdômen de Macaco Aranha (*Ateles* sp) com cardiopatia.



Figura 4 – Imagem ultrassonográfica evidenciando gestação em Tamandua-mirim (*Tamandua tetradactyla*).

Com relação à ultrassonografia, seu uso também tem sido bastante frequente na rotina da Divisão de Veterinária, auxiliando na avaliação clínica, diagnóstico e tratamento de doenças e nos programas de medicina preventiva e de reprodução. Um levantamento retrospectivo entre 2010 e 2013 na FPZSP, foi contabilizada a realização, de 205 exames ultrassonográficos, sendo 44 exames em 2010, 50 em 2011, 84 em 2012 e 27 em 2013. De acordo com as classes dos animais obteve-se: 182 (88,78%) exames em mamíferos, 9 (4,39%) em aves e 14 (6,83%) em répteis. Dentre estes, destacam-se o diagnóstico de neoplasia

testicular em dois exemplares de Cachorro-vinagre (*Speothos venaticus*) (Figura 2), confirmado através da histopatologia como tumor de células de Leydig; diagnóstico e acompanhamento do tratamento em casos de ascite causada por cardiopatia em uma tartaruga mordedora (*Chelydra serpentina*), uma Arara Canindé (*Ara ararauna*) e um Macaco Aranha (*Ateles sp*) (Figura 3). Destacou-se também a confirmação da gestação avançada em um Tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) (Figura 4) e a avaliação dos órgãos reprodutivos em uma fêmea de Mico-Leão-de-Cara-Dourada (*Leontopithecus chrysomelas*).



Figura 5 – Radiografia laterolateral de mico-de-cheiro (*Saimiri sciureus*) evidenciando aumento de radiopacidade em campos pulmonares.



Figura 6 – Mico de cheiro durante o exame de tomografia

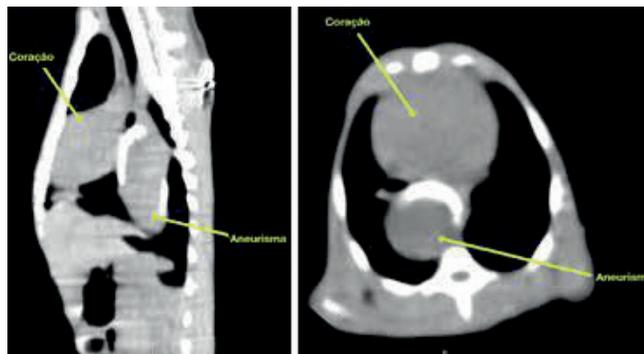


Figura 7 – Imagens da tomografia computadorizada do mico de cheiro evidenciando dilatação da aorta descendente logo após a saída do coração.

O método de diagnóstico é escolhido de acordo com a suspeita, a necessidade e viabilidade para a realização do exame. O zoológico não possui equipamento de tomografia nem de ressonância magnética, porém, quando algum animal necessita deste tipo de exame, ele é encaminhado para um centro de diagnóstico. Foi o que aconteceu no caso de um mico-de-cheiro (*Saimiri sciureus*) que apresentou alteração radiográfica em campos pulmonares (Figura 5) e precisou

realizar uma tomografia (Figura 6) computadorizada para aprofundar o estudo de uma. Por meio da tomografia demonstrou-se que o animal apresentava um aneurisma de grandes dimensões na aorta torácica (Figura 7).

O uso de equipamentos modernos de diagnóstico por imagem é cada vez mais abrangente em medicina veterinária, e vem se tornando um avançado meio de promover a saúde e o bem estar de animais silvestres em zoológicos contemporâneos. ■

**Marca registrada**

Ref.: Aprovação da marca APAMVET ACADEMIA PAULISTA DE MEDICINA VETERINÁRIA

Prezados (as) Senhores (as),

Vimos pela presente, levar ao conhecimento de Vossas Senhorias que o INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial, publicou na Revista da Propriedade Industrial RPI nº 2420, de 23/05/2017, o DEFERIMENTO (aprovação), e a intimação para o recolhimento do DECÊNIO, do pedido de registro da marca mista APAMVET ACADEMIA PAULISTA DE MEDICINA VETERINÁRIA, objeto do processo nº 908.903.243 classe 44 e da marca figurativa.



Alessandra Rodrigues Campos  
Interação Marcas e Patentes S/C LTDA  
Consultora Comercial  
Fone/Fax: (11) 2094-6100/ (11) 97544-6245  
Outras Localidades: (21) 4063-8632/ (31) 4062-7584/ (41) 4063-8113/  
(61) 4063-8523/ (27) 4062-9584/ (71) 4062-9514/ (85) 4062-9794/  
(51) 4062-1820  
Skype: con3.marcasepatentes



Marca mista.



Marca figurativa.

## Zoonose avança no Estado de São Paulo

### Leishmaniose Visceral: a doença dos mais pobres dos pobres!

por Fábio dos Santos Nogueira e Jéssica Carolina Van Der Laan Lisboa

**Palavras-chave:** epidemiologia da leishmaniose visceral; aumento da incidência; expansão da zoonose na rodovia Marechal Rondon; primeiro foco em Araçatuba; tratamento da leishmaniose; Miltefosina

A Leishmaniose Visceral (LV), também conhecida como Calazar em muitas regiões do Brasil, é uma doença infecciosa não contagiosa causada por protozoários flagelados pertencentes à Família *Trypanosomatidae* e ao Gênero *Leishmania* (DEANE e GRIMALDI, 1985). A espécie *Leishmania infantum*, encontrada nas Américas, em especial no Brasil, na Europa, Ásia e África, é responsável pelo ciclo zoonótico.

Atualmente, é considerada uma doença reemergente, negligenciada tropical e, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a doença dos mais pobres dos pobres e uma das seis endemias prioritárias no programa de controle de doenças.

No Brasil, mudanças epidemiológicas são observadas na LV, com um aumento da incidência, da taxa de letalidade, da urbanização e disseminação para novas áreas, da presença de novos reservatórios e de evidências de novas formas de transmissão.

Alguns fatores como a migração constante de pessoas para grandes centros urbanos, devido a fatores econômicos e ambientais, associada a condições higiênico-sanitárias inadequadas; presença de doenças imunossupressoras, como a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV), ou mesmo a pobreza associada à desnutrição infantil; adaptação do vetor nas grandes cidades; e o aumento da enfermidade nos cães, têm contribuído para tais mudanças.

Atualmente, apresenta ampla distribuição geográfica, podendo ser encontrada nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

A principal e mais importante forma de transmissão da doença para os mamíferos é através da picada de fêmeas hematófagas, da Família *Psychodidae*, Subfamília *Phlebotominae*, Gênero *Phlebotomus* (no Velho Mundo) e *Lutzomyia* (no Novo Mundo), e conhecidos genericamente por flebotomíneos.



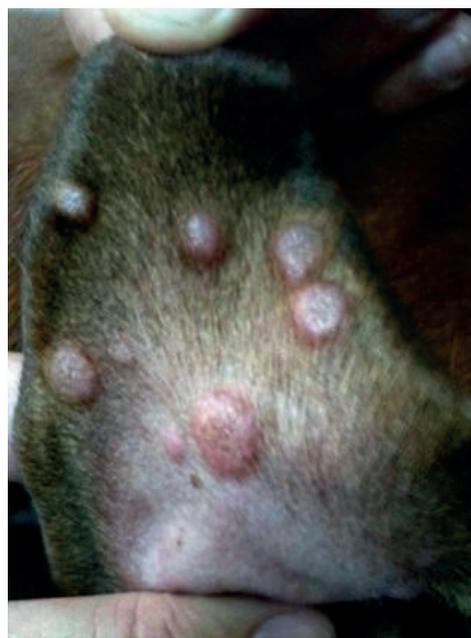
Nas Américas, as espécies implicadas na disseminação e transmissão são: *Lutzomyia longipalpis*, *Lutzomyia cruzi*, *Lutzomyia evansi*, *Lutzomyia forattinii*, *Lutzomyia migonei*, *Lutzomyia pseudolongipalpis* e *Lutzomyia sallesi* (Maroli et al, 2013).

São insetos pequenos, conhecidos popularmente por “mosquito palha”, medem de 1 a 3 mm de comprimento, apresentam o corpo coberto de pêlos, e possuem uma coloração castanho claro ou cor de palha. Adaptados a diversos ambientes, desenvolvem-se em ambientes terrestres úmidos e ricos de matéria orgânica, e com baixa incidência luminosa (DEANE e DEANE, 1955).

Os cães funcionam como reservatórios da doença e são apontados como a principal fonte de infecção para os flebotomíneos no ambiente urbano, quer pela alta prevalência ou pela grande quantidade de parasitos presentes na pele, tornando-os alvo principal para o controle da doença.

A Leishmaniose Visceral Canina (LVC) caracteriza-se pela sua enorme variabilidade de manifestações clínicas e dos tipos de lesões apresentadas, devido basicamente a fatores individuais relacionados exclusivamente ao tipo de resposta imunológica desenvolvida, grau de infestação, tempo de evolução da enfermidade e aos órgãos afetados (Solano-Gallego, L. 2013).

Podemos encontrar desde uma lesão inicial no sítio da picada com intenso processo inflamatório e grande quantidade de parasitos, denominada “cancro de inoculação”, até a sua visceralização.



Durante o curso da doença podemos encontrar: linfadenopatias, hepatoesplenomegalias, alterações dermatológicas (dermatite ulcerativa, esfoliativa, papular, nodular multifocal, necrose-isquêmica, hiperqueratose e despigmentação),

alterações oftalmológicas (ceratoconjuntivites, panoftalmites, uveítes, distrofias, blefarites), diáteses hemorrágicas, amioatrofias, glomerulonefrites, poliartrites do tipo erosiva, onicogribose, entre outras.



### Expansão da doença no estado de São Paulo

O primeiro registro de *L. longipalpis* em uma área urbana no estado de São Paulo, ocorreu em 1997 no Município de Araçatuba, localizado na região Noroeste do Estado (COSTA et al., 1997). Em 1998, alguns animais da cidade começaram a apresentar manifestações clínicas compatíveis com a doença, e através do exame parasitológico direto do linfonodo, foi diagnosticado o primeiro caso autóctone em área urbana do estado (Luvizotto, 1998). Duas décadas se passaram e a doença se expandiu para outras cidades com aumento progressivo dos casos caninos, humanos e a disseminação do vetor.

Uma classificação epidemiológica bastante interessante dos municípios, proposta pelo Programa de Vigilância e Controle da LV no estado de São Paulo, é quanto a presença ou não do vetor, a transmissão canina e humana e a vulnerabilidade. Assim, o planejamento das ações de Vigilância e Controle são direcionadas, respeitando-se tal classificação (Rangel et al., 2013). No entanto, estudos epidemiológicos para avaliar a evolução da doença são essenciais.

A expansão da doença no estado de São Paulo foi analisada e interpretada por Paula, E., 2016; através de um sistema de informações geográficas. Segundo o autor, foi observada uma forte associação entre o aumento do número de casos humanos e caninos (1997-2016), em cidades próximas à rodovia Marechal Rondon/SP-300 (Figura 1). É possível que fatores relacionados ao desenvolvimento econômico do país, tais como o aumento no transporte de mercadorias e de pessoas por via rodoviária e ferroviária, possam ter sido responsáveis pela dispersão do vetor e, conseqüentemente, sua expansão no Oeste do estado de São Paulo (Paula, E., 2016).

### Controle no Brasil

De uma maneira prática, as medidas de controle da doença até agora implementadas foram incapazes de eliminar a transmissão e impedir a ocorrência de novas epidemias.

A recente proposta do Ministério da Saúde de reavaliar o Programa de Controle da LV, a utilização de coleiras repelentes para cães em áreas endêmicas, e a liberação de um fármaco para o tratamento individual da LVC, aponta para um cenário muito promissor, e também uma responsabilidade ainda maior do Médico Veterinário, cada vez mais inserido no conceito de "Saúde Única".

### Tratamento individual da LVC

No Brasil, o tratamento de cães com Leishmaniose vem sendo discutido no âmbito judicial, devido à Portaria Interministerial (Ministério da Saúde e Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, 2008) que proíbe a utilização de drogas de uso humano e/ou não registrados no MAPA para tais fins.

A grande preocupação do MS é quanto à resistência parasitária, devido às poucas opções terapêuticas para o tratamento da Leishmaniose Visceral Humana (LVH).

O acompanhamento dos animais tratados, se estes permaneciam como reservatórios e, conseqüentemente fonte de infecção da doença, era de extrema importância.

A Miltefosina (Hexadecilfosocolina) é uma droga que originalmente foi estudada e classificada como droga anti-neoplásica. No entanto, na década de 80 foi evidenciado seu potencial leishmanicida. Representa o primeiro agente anti-leishmania eficaz registrado, de administração oral e com estudos em parceria com a OMS (Organização Mundial de Saúde).

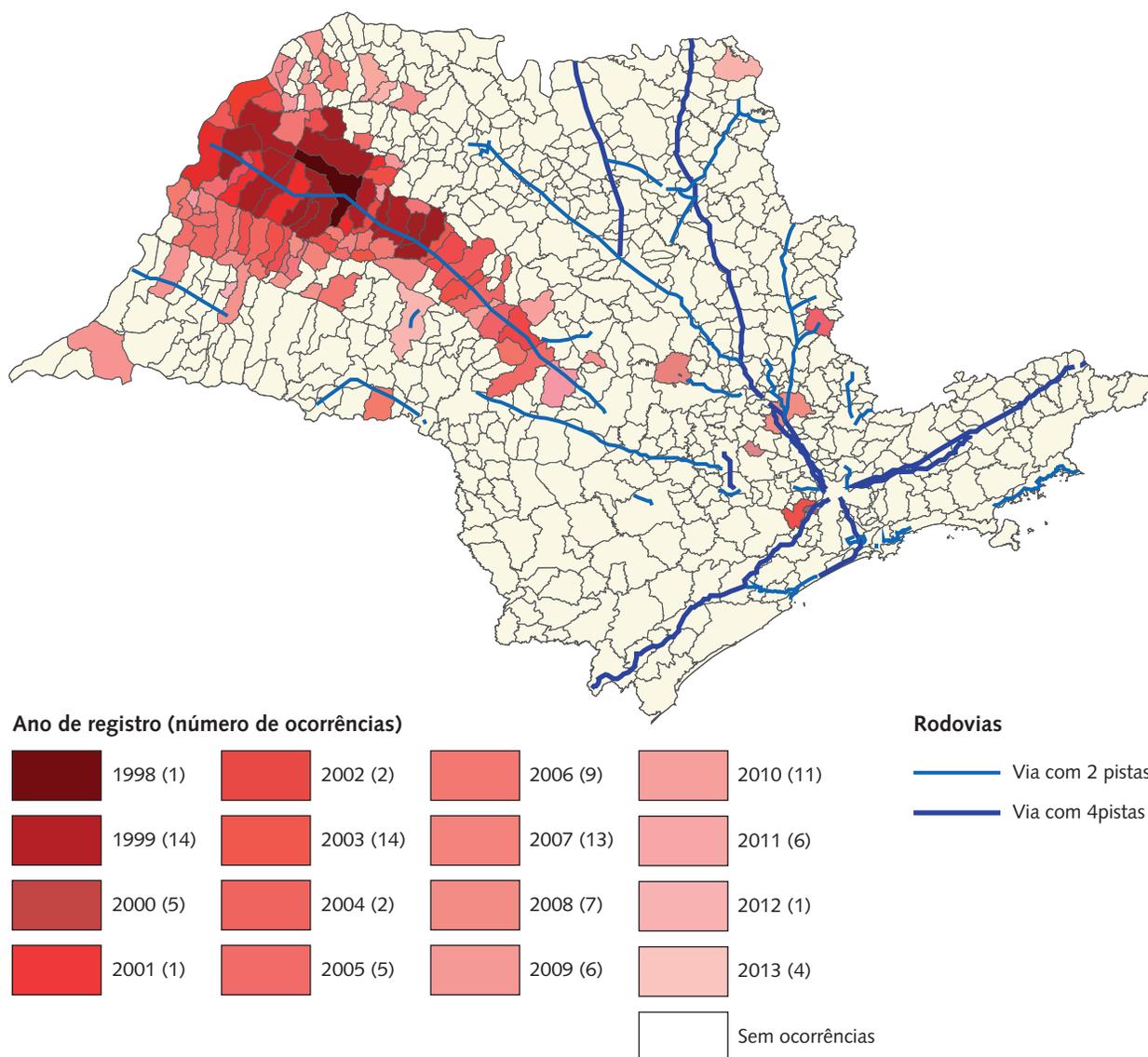


Figura 1 – Distribuição de municípios com registro de casos de LVC no estado de São Paulo, ao longo da SP-300 (rodovia Marechal Rondon), de 1998 a 2013.

Seu mecanismo de ação baseia-se na inibição da biossíntese de receptores GPI (glicosil fosfatidil-inositol), molécula chave para a sobrevivência intracelular da leishmania. Interfere também na síntese da fosfolipase e da proteína quinase C, que são leishmanias específicas. A ação anti-metabólica deste composto pode levar a alterações da biossíntese de glicolípídeos e glicoproteínas da membrana do parasito, provocando a apoptose da célula protozoária. Pode-se destacar também uma importante atividade imunomoduladora da droga, com aumento da produção de interferon gama.

Em 2007, a Miltefosina foi lançada no mercado veterinário europeu com o nome comercial de Milteforan®, pelo Laboratório Virbac S.A., e com indicação exclusiva para o tratamento de cães com leishmaniose visceral.

No Brasil, em estudo controlado em canil telado, com diversas provas laboratoriais (citologia aspirativa de linfonodo e medula óssea; reação em cadeia pela polimerase em tempo real de pele, medula óssea e linfonodo; xenodiagnóstico) e

avaliações clínicas, demonstrou excelentes resultados. O fármaco promoveu melhora clínica dos animais, redução da carga parasitária (observada através da citologia e rt-PCR), e redução da infectividade para flebotomíneos, onde ao término do período de observação, 74,2% dos animais tratados não transmitiram mais o parasito.

Assim, foi obtido, no Brasil, o registro do primeiro fármaco exclusivo de uso veterinário, para o tratamento da LVC.

Importante salientar o papel do médico veterinário no acompanhamento dos animais tratados, a utilização de repelentes e inseticidas em áreas endêmicas, evitando reinfecções, além da orientação para o proprietário do animal.

#### Referências Bibliográficas

COSTA, A. I. P.; CASANOVA, C.; RODAS, L. A. C.; GALATI, E. A. B. Atualização da distribuição geográfica e primeiro encontro de *Lutzomyia longipalpis* em área urbana no Estado de São Paulo, Brasil. Revista de Saúde Pública, 1997 31(6): 632-633.

DEANE, L.M. & GRIMALDI JR., G. Leishmaniasis in Brazil. In: CHANG, K. P. & BRAY, R. S. **Leishmaniasis**. Amsterdam, Ed. Elsevier Science Publishers B. U., p. 247-281, 1985.

DEANE, L. M.; DEANE, M. P. Observações preliminares sobre a importância comparativa do homem, do cão e da raposa (*Lycalopex vetulus*) como reservatório da *Leishmania donovani* em área endêmica de calazar, no ceará. **O Hospital**, v. 48, p. 61-76, 1955.

NOGUEIRA, F. S.; RIBEIRO, V. M. Leishmaniose Visceral. In: JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGIKA, M. M. *Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos*. Rio de Janeiro: Roca, 2015. p. 718-733.

MAROLI M., MIZZON V., SIRAGUSA C., D'OORAZI A., GRADONI L. Evidence for an impact on the incidence of canine leishmaniasis by the mass use of deltamethrin-impregnated dog collars in southern Italy. *Med Vet Entomol*. 2001 Dec;15(4):358-63.

NOGUEIRA, F. S. Avaliação clínico-laboratorial de cães naturalmente infectados por leishmaniose visceral, submetidos à terapia com anfotericina B. [Tese]. Botucatu: Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Estadual Paulista; 2007.

GALLEGO, L. S. *Leishmaniosis: una revisión actualizada*. Zaragoza: Servet, 2013. 239 p.

PAULA, E.M.N. *Distribuição espacial da leishmaniose visceral no estado de São Paulo, Brasil, no período de 1970 a 2014*. 2016. 53 f. Dissertação. Universidade Estadual Paulista de Jaboticabal, São Paulo. 2016. ■

### Sobre os autores

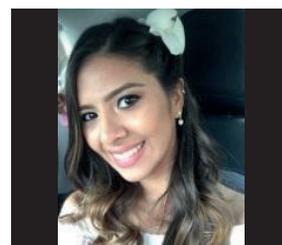
Fábio dos Santos Nogueira  
CRMV SP 7803  
nogueiracan@uol.com.br

Médico veterinário pelo Centro regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal, Mestrado e Doutorado em Clínica Veterinária pela Universidade Estadual "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP – Botucatu). Sócio-proprietário do Hospital Veterinário Mundo Animal e professor na disciplina de Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais da Fundação Educacional de Andradina (FEA) no curso de Medicina Veterinária. Tem experiência com ênfase em Clínica Veterinária, no atendimento clínico e imunoprofilaxia de animais com Leishmaniose Visceral em áreas endêmicas, e Oftalmologia.



Jéssica Carolina Van Der Laan  
Lisboa

Graduanda em Medicina Veterinária pela Fundação Educacional de Andradina (FEA).



### A Justiça e a Medicina Veterinária

Fausto P. Faleiros – chefe do Departamento Jurídico do CRMV-SP

Sob o aspecto conjuntural do papel do médico veterinário em relação à Leishmaniose, é importante analisar criticamente o caminho que a Justiça adotou para julgar as políticas públicas de combate à doença e, notadamente, à proibição quase que unânime presente em suas decisões judiciais da prática da eutanásia em animais portadores dessa enfermidade.

Não que todos buscavam a eutanásia como um facilitador do problema. Ninguém, seja médico veterinário, seja agente público, quer adotar medida tão drástica, mas a leishmaniose é tão letal ao ser humano que muitas vezes não havia outro caminho a seguir.

É essencial lembrar que até pouco tempo a recomendação da eutanásia em animais portadores do parasita era a única medida a ser adotada, eis que não existia medicamento de uso veterinário para o tratamento da doença, motivo pelo qual o Ministério da Saúde, em parceria com o seu congêneres da Agricultura, editaram norma (Portaria 1426/05) proibindo a utilização de remédios de uso humano, com um claro objetivo de se evitar resistência à droga e inviabilizá-la para o uso nas pessoas, razão pela qual a interrupção da vida era a única medida de ordem pública possível na tentativa de se evitar a proliferação da doença.

Veja que a finalidade sempre foi preservar a saúde humana e, por isso, a proibição de tratamento de animais com medicamentos que depois poderiam ser ineficazes às pessoas.

Hoje há um fármaco veterinário registrado e que pode ser utilizado no tratamento de animais infectados, razão pela qual agora há, mesmo que em estágio inicial, outro caminho, que deve ser percorrido com o cuidado necessário quando a estrada é perigosa e desconhecida.

Para tanto, deve a Justiça se descobrir do preconceito em relação à medicina veterinária e entender que a sua finalidade é maior do que cuidar dos animais, que faz há séculos com um infinito carinho. Essa profissão tem como função, também, cuidar para que as zoonoses não sejam mortais aos seres humanos e por isso muitas vezes não lhe resta alternativa senão fazer escolhas difíceis, como no caso da indicação da eutanásia em um animal com leishmaniose.

Não se deve brincar com essa doença, que hoje está se multiplicando e matando pessoas não só no interior do país, mas também em capitais. É uma doença letal, de difícil tratamento e por isso não pode ser ignorada ou tratada com desdém.

Passou da hora de a administração pública criar uma política eficaz para o combate da leishmaniose, do parasita ao vetor, passando pelo hospedeiro, adotando os mais diversos meios de combate, inclusive a eutanásia, devendo a Justiça apoiar e incentivar sem qualquer preconceito sobre tais medidas, porque no final das contas, são vidas humanas que estão sendo colocadas em jogo. ■



## Cultivando a Língua Portuguesa

Renata Carone Sborgia

Graduada em Direito e Letras, mestra em Psicologia Social (USP), especialista em Língua Portuguesa, Direito e Gestão Educacional, membro fundadora da Academia de Letras, Artes e Música/BA, membro fundadora da Academia de Belas Artes/BH, Imortal da Academia de Letras do Brasil (ALB), docente, escritora, revisora e consultora em comunicação e literatura

Livros publicados nas searas: Língua Portuguesa, Educação, Literatura e Tabagismo | renatasborgia@gmail.com

Por gentileza, querido, aprenda: meu coração é sob medida. Amor somente costumizado.... Renata Carone Sborgia – trecho publicado (Madras Editora)

1

Não terminei a graduação por causa que decidi seguir outra carreira.

Deveria seguir o correto uso do português também!!!

Por causa que é mais do que errado. Nem sequer existe.

**O correto é**  
Porque decidi

### Frase correta

Não terminei a graduação porque decidi seguir outra carreira.

2

Não tenho nenhum óculos para usar na festa desta noite.

Realmente acreditamos!!!

**O correto é**  
não tenho nenhuns óculos...

### Regra fácil

**Nenhum** (nenhuma) se flexiona no plural para concordar com a palavra a que se refere.

### Dica útil

Se puder trocar por **algum** (alguma), então é **nenhum** (nenhuma). Se ao trocar ficar **alguns** (algumas), então é a expressão **nenhuns** (nenhumas).

### Exemplos:

Tenho alguns óculos...	nenhuns óculos
Algumas pessoas deixaram...	nenhumas pessoas
Apesar de alguns alunos...	nenhuns alunos

### Outros exemplos corretos:

**Nenhumas pessoas** deixaram tantas saudades quanto aquelas.

3

Maria não sabe escrever e nem ler.

Vamos ajudá-la???

### O correto é

Maria não sabe escrever **nem** ler.

### Regra fácil

a conjunção **nem** significa “e não”.

## Para você pensar

### Para Ti

Foi para ti  
que desfolhei a chuva  
para ti soltei o perfume da terra  
toquei no nada  
e para ti foi tudo

Para ti criei todas as palavras  
e todas me faltaram  
no minuto em que talhei  
o sabor do sempre

Para ti dei voz  
às minhas mãos  
abri os gomos do tempo  
assaltei o mundo  
e pensei que tudo estava em nós  
nesse doce engano  
de tudo sermos donos  
sem nada termos  
simplesmente porque era de noite  
e não dormíamos  
eu descia em teu peito  
para me procurar  
e antes que a escuridão  
nos cingisse a cintura  
ficávamos nos olhos  
vivendo de um só  
amando de uma só vida

Mia Couto, in “Raiz de Orvalho e Outros Poemas”

# 11º Aniversário

## Academia Colombiana de Ciências Veterinárias

A Academia Colombiana de Ciências Veterinárias, criada em 2005, foi a última das academias implantadas na Colômbia. A Academia Colombiana de Ciências Veterinárias foi idealizada por um grupo de profissionais vinculados ao Conselho Profissional [Lei 073/1989].

A celebração do 11º Aniversário de implantação dessa academia fortaleceu as áreas de conhecimentos que constituem a plataforma do processo de conscientização para a construção de Paz!

Nesse aspecto, a academia é parceira da Academia Paulista de Medicina Veterinária criada e implantada em nove de setembro de 2005. Mas, devem ser consideradas também as congêneres mais antigas deste universo de Academia das Ciências Veterinária:

- ♦ Academia de Agronomia e Veterinária da Argentina  
Fundada no início do século XX, se desenvolvendo com dificuldades, mas restabelecida em 1955 e fortalecida em 1980. Sob sua alçada eram tratados assuntos de interesse da agropecuária nacional e referentes à ciência, economia e à sociedade.
- ♦ Academia de Ciências Veterinárias do México  
Criada em 1933, pela excepcional vontade e personalidade dos graduados na primeira escola de veterinária da América.
- ♦ Academia de Ciências Veterinárias do Peru  
Criada em 1977, determinando o engrandecimento da cultura alimentar gerada pelo Incas e maximizando os saberes das ciências.
- ♦ Academia Brasileira de Medicina Veterinária (ABRAMVET)  
Foi criada em nove de julho de 1983, em homenagem aos princípios de Guilherme Edelberto Hermsdorff, formado em Medicina Veterinária no ano de 1926.
- ♦ Academia de Ciências Veterinárias do Uruguai  
Criada em 1991.

### Objetivos da Academia Colombiana de Ciências Veterinárias

1. Realizar estudos relacionados à qualidade da educação;
2. Como avaliar a qualidade da formação e do exercício profissional;
3. A pertinência da investigação científica;
4. A categoria da transferência e a aplicabilidade dos saberes adquiridos;
5. A sustentabilidade, tanto dos ecossistemas, como também da produção animal, da economia e da sociedade;
6. A segurança alimentar e a soberania da produção dos alimentos de origem animal;
7. A prevenção de doenças animais como peça fundamental da saúde.

